

Associação Nacional de História - ANPUH
GT Nacional de História Antiga - GTHA

Universidade Federal de Pelotas - UFPel
Instituto de Ciências Humanas - ICH
Departamento de História e Antropologia - DHA
Laboratório de Antropologia e Arqueologia - LEPAARQ

A
R
T
E

P
O
D
E
R

S
E
X
U
A
L
I
D
A
D
E

ENHANT 6

Encontro Nacional de
História Antiga

9º Jornada de
História Antiga
de Pelotas

Brasil/ Rio Grande do Sul/ Pelotas
Instituto de Ciências Humanas
04 e 09 de Maio de 2008

Cad. Caderno de resumos

GTHA/ANPUH

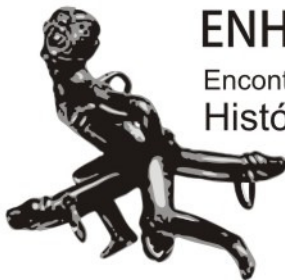
**VI ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA ANTIGA
ARTE, PODER E SEXUALIDADE NO MUNDO ANTIGO**

CADERNO DE RESUMOS

A
R
T
E

P
O
D
E
R

S
E
X
U
A
L
I
D
A
D
E



ENHANT 6

Encontro Nacional de
História Antiga

9º Jornada de
História Antiga
de Pelotas

ORGANIZADORES

Prof. Dr. Fábio Vergara Cerqueira
Prof. Marco Antonio Correa Collares
Profª. Caterine Henriques Mendes
Acadêmica Kátia Amorim Macedo

Pelotas/RS, Maio de 2008.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS

Reitor: Prof. Antonio Cesar Goncalves Borges

Vice-Reitor: Prof. Telmo Pagana Xavier

Pró-Reitoria de Administração: Francisco Carlos Gomes Luzzardi

Pró-Reitoria de Extensão e Cultura: Prof. Vitor Hugo Borba Manzke

Pró-Reitoria de Graduação: Prof^a Eliana Povoas Pereira Estrela

Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação: Prof. Alci Enimar Loeck

Pró-Reitoria de Planejamento e Desenvolvimento: Elio Paulo Zonta

INSTITUTO DE CIENCIAS HUMANAS

Diretor: Prof. Fabio Vergara Cerqueira

Vice-Diretor: Prof. Jabr Hussein Deeb Haj Omar

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE HISTÓRIA – ANPUH

Presidente: Manoel Luiz Salgado Guimarães (UFRJ)

Vice-Presidente: Adelaide Maria Gonçalves Pereira (UFC)

Secretário-Geral: Tania Regina de Luca (UNESP)

GTHA/ANPUH (Grupo de Trabalho de História Antiga da Associação Nacional de História)

Coordenação Nacional: Prof. Dr. Fábio Vergara Cerqueira (07/2007 – 07/2009)

VI ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA ANTIGA

COMISSÃO ORGANIZADORA

Prof. Dr. Fábio Vergara Cerqueira

Prof. Marco Antonio Correa Collares

Prof^a. Catherine Henriques Mendes

Acadêmica Kátia Amorim Macedo

PROFESSORES COLABORADORES

Prof. Dr. Anderson Vargas UFRGS

Prof. Dr. Jussemar Gonçalves FURG

Prof. Dra. Kátia Paim Pozzer ULBRA

Prof. Dra. Monica Selvatici - UFPel

EQUIPE DE APOIO COMPOSTA POR ACADÊMICOS DA UFPEL

André Sais

Andressa de Oliveira

Nobre

Carlos Donato Schimidt

Neto

Caroline Bastos

Cristiano Gehrck

Daiane Molina

Diego David Matassoli

Elizabeth S. Salimem

Enio Sieburguer

Ester Ribeiro

Everton Otazú

Everton Lessa da Silva

Fabrcício Mota

Gabriela Teixeira Gomes

Júlia Pereira

Kárita Gill Sinotti

Kate Schneider

Larissa Copatti

Dogenski

Lidiane Gaia dos Santos

Louise Berndt Muller

Luisiane Gomes

Mariciana Zorzi

Mateus André Oliveira

Micaele Irene

Morgana Riva

Natasha Dias Castelli

Natielle Gonçalves

Mesquita

Odilon Leston Junior

Paulo Henrique Silveira

Rodrigo S. dos Santos

Rodrigo T. Giovanaz

Sérgio Estevão Silveira

Silva

Silvia Lucia Vicenciel

Lopes

Sued Roberto C.

Cardoso

Thales Vieira

Viviane Domingues

EDITORACÃO: Chimene Kuhn Nobre e Kátia Amorim Macedo

REVISÃO: Marco Antonio Correa Collares

CAPA: Paulo Roberto Faber Tavares Junior

ÍNDICE

Apresentação	5
Programação.....	9
Conferências.....	11
Mesas Redondas.....	13
Minicursos.....	25
Comunicações	29
Painéis	55
Atividades Culturais.....	63
Passeios Históricos.....	69
Instituições Participantes.....	73
Índice Onomástico	75

APRESENTAÇÃO

Entre os dias 04 e 09 de maio, a comunidade acadêmica da Universidade Federal de Pelotas, por meio de alunos, professores e funcionários do Instituto de Ciências Humanas, estarão recebendo de braços abertos, estudiosos da História do Mundo Antigo, provenientes de várias instituições nacionais, e mesmo de país vizinho.

Trata-se do VI Encontro Nacional de História Antiga, promovido pelo GT Nacional de História Antiga da ANPUH, em parceria com o Departamento de História e Antropologia da UFPEL. A realização destes eventos nacionais da área de Antiga, nos anos pares, alternadamente aos grandes simpósios nacionais da ANPUH, realizados nos anos ímpares, tem mobilizado progressivamente os pesquisadores da área, desde o início desta década.

Ao assumir a coordenação deste grupo de trabalho, em julho de 2007, no encontro nacional realizado em São Leopoldo/RS, senti-me na obrigação de dar seqüência e aprofundar as metas e conquistas que motivaram a criação deste GT, na virada de 2000 para 2001; senti-me ainda impulsionado e, confesso, acuado, a fazer um bom trabalho, pois não poderia estabelecer uma rota decrescente, considerando-se que o trabalho dos coordenadores anteriores, Gilvan Ventura (2001-2003), Anderson Zalewski Vargas (2003-2005) e Ana Teresa Marques Gonçalves (2005-2007), trouxe consigo um crescimento do volume, representatividade e qualidade dos encontros e atividades associadas ao GT, como ficou evidenciado – para falar apenas destes – nos encontros dos anos anteriores, realizados em Londrina (2005), Goiânia (2006) e São Leopoldo (2007), onde nosso simpósio chamou atenção pela necessidade de ser transferido de uma sala de aula para um auditório!

Soma-se a isso o fato de que a experiência de realização do *V Congresso da Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos*, em Pelotas, no ano de 2003, evento coroado com grande sucesso, ainda vivo na memória dos congressistas, deve ter colocado expectativas de que o encontro de 2008 pudesse repetir a experiência daquela época.

Ocupo este espaço para anunciar, aos participantes deste encontro, que estamos trabalhando com dedicação e carinho para cumprirmos nossa missão e não frustrarmos expectativas, nem dos visitantes, nem da comunidade local. Podemos anunciar que os números indicam grande

representatividade nacional do encontro e sinalizam, ainda, para a expansão da área, sob vários aspectos: contamos com apresentações de trabalho de vários estados, de vários níveis de estudo (pesquisa de pós-graduação e iniciação científica) e de docentes de várias universidades, indicando a consolidação de um ensino superior de qualidade e especializado no campo da História Antiga.

Deixemos os números falarem um pouco. Ao todo, foram inscritas 60 apresentações de comunicações, somando-se a isso 26 palestras distribuídas em 7 mesas redondas e 14 apresentações visuais (banners). Isto totaliza exatamente 100 trabalhos inscritos! Número emblemático, ao qual devem ser acrescidos os 5 minicursos e três conferências, uma delas sendo um teleconferência direto da Universidade de Heidelberg. Outro fato a ser destacado é a representatividade no cenário universitário: ao todo, 25 universidades estarão representadas no encontro.

O tema do evento é outro assunto interessante: foi escolhido a partir de uma eleição feita pelos integrantes do GT, que votaram por correio eletrônico. A opção por um trinômio como agrupamento temático indica a busca de abordagens complexas e interdisciplinares. Assim, chegamos aos temas da **Arte, Poder e Sexualidade**, que, de um modo ou outro, inspiram boa parte dos trabalhos que serão apresentados.

Tendo em vista que a finalidade dos encontros nacionais do GT, segundo nossa interpretação, sustenta-se na perspectiva de consolidação e fomento aos estudos do Mundo Antigo, neste encontro foram aceitos, inclusive para comunicações, trabalhos de graduandos, desde que devidamente avaliados por seus orientadores, como estímulo à iniciação científica. Assim, lado a lado, a troca de experiência e a renovação, doutores e graduandos, estarão sentados nas mesmas mesas de comunicações, prática muitas vezes evitada em eventos científicos – não estaremos reunidos em Pelotas apenas para uma exposição do conhecimento, mas também para uma fase importante de construção do conhecimento, de aprendizado para nossos jovens estudantes!

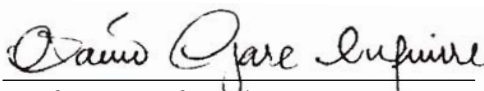
Durante esta primeira semana do mês de maio, além das atividades científicas programadas, proporcionaremos aos participantes do encontro atividades lúdicas e culturais paralelas, de várias ordens. Prestem então atenção nestas atividades: passeios, teatro, mostra de filmes, banquete, exposição virtual. Nelas, poderá se encontrar oportunidade de integração de conhecimentos e confraternização com os colegas e com a nossa região.

Pelotas quer recebê-los, de forma hospitaleira, com seu patrimônio cultural, sua diversidade étnica, seu casario, seus doces e o jeito acolhedor de sua gente.

Uma última revelação: todos os méritos e qualidades que possam ser atribuídos à organização de nosso evento devem ser credenciados à aguerrida comissão organizadora, liderada pela pertinácia da acadêmica Kátia Amorim Macedo e de seus colegas Marco Antonio Collares e Caterine Henriques Mendes. A eles somou-se, aos poucos, um batalhão de estudantes do curso de graduação em História, que, ao longo destes dias, se dedicarão a fazer, deste **VI Encontro Nacional de História Antiga**, alcunhado ENHANT, o melhor **VI Encontro Nacional de História Antiga** de todos os tempos. Em nome dos membros do GT, espalhados por todo o país, expresso o meu agradecimento a todos pela colaboração.

Bom ENHANT a todos!

Pelotas, 27 de abril de 2008.



Prof. Dr. Fábio Vergara Cerqueira

Coordenador do GT Nacional de História Antiga – ANPUH
Diretor do Instituto de Ciências Humanas - UFPEL



PROGRAMAÇÃO

PROGRAMAÇÃO							
Hora \ Dia	Domingo 04.05	Segunda 05.05	Terça 06.05	Quarta 07.05	Quinta 08.05	Sexta 09.05	
8:30 - 9:45	PASSAIO 1	CREDECIAAMENTO	MINICURSO 1 e 3		MINICURSO 1 e 3	MINICURSO 1 e 3	
10:00 - 12:00			MESA REDONDA 1 e 2		MESAS REDONDAS 4 e 5	MESAS REDONDAS 6 e 7	
12:00 - 14:00		ALMOÇO	ALMOÇO	PASSEIOS 2 e 3	ALMOÇO	COMUNICAÇÕES COORDENADAS	COMUNICAÇÕES COORDENADAS
14:00 - 15:30							
15:30 - 16:00		COFFEE BREAK	MOSTRA DE VIDEOS COMENTADOS	COFFEE BREAK	MOSTRA DE VIDEOS COMENTADOS	COFFEE BREAK	COFFEE BREAK
16:00 - 17:30							
17:30 - 18:30						PAINÉIS	
18:00 - 19:00							
19:00 - 19:30		CONFERENCIA DE ABERTURA	LANÇAMENTO DE LIVROS	MESA REDONDA 3	TEATRO	BANQUETE MESOPOTÂMICO	CONFERENCIA DE ENCERRAMENTO
19:30 - 20:00							
20:00							

CONFERÊNCIAS

Conferência de Abertura - Segunda-Feira 05/05 – 19h - Auditório ICH
Prof. Dr. José d'Encarnação - Universidade de Coimbra

Arte, poder e sexualidade na documentação epigráfica romana

Difícil será conceber, hoje, um monumento sem, em qualquer ponto seu, sem encontrar na pedra uma inscrição, por mínima e desprezível que possa parecer. No Alhambra de Granada, caracteres cúficos dão conta de versículos do Corão; nos edifícios do Egipto e da antiga Mesopotâmia, caracteres hieroglíficos e cuneiformes, respectivamente, são portadores de mensagens e constituem, simultaneamente, elementos decorativos importantes... Mesmo num estilo arquitetónico como o chamado modernista, de meados do século XX, nas ditaduras europeias, estava presente, no desenho das fachadas dos edifícios, letreiros, à maneira romana, a mostrar Arte, a respirar Poder...

E se, ao tempo dos Romanos, os textos em honra dos imperadores ou dos notáveis locais, em que se manifestava submissão política, louvor e devoção, se devem situar na esfera das manifestações do poder, também não é menos certo que essa mensagem epigráfica sempre se fez acompanhar de símbolos, frequentemente representados em elegantes baixos-relevos, seguindo os cânones estéticos vigentes.

De resto, havia os edifícios públicos, imponentes, em honra dos deuses e dos homens que, na terra, se diziam seus representantes; mas, a nível doméstico, do dia-a-dia das gentes, na sepultura singela de um ente querido, apresentavam-se 'miniaturas' daquilo que, na praça pública, construído com amplos dinheiros públicos, fazia a inveja de todos. Não havia posses para solenes mausoléus em jeito de templos onde com a divindade mais facilmente se poderia conviver? Gizavam-se, então, cópias em ponto pequeno – que diante a divindade o tamanho não detinha significado nenhum! . . . Não temos, ainda hoje, nos nossos cemitérios, capelinhas e mais capelinhas repetidas até à exaustão e que não passam de... jazigos de família?

Depois, quem não se lembra dos bilhetinhos de amor, plenos de ambigüidade, passados às escondidas na nossa juventude? E não é que é isso mesmo que encontramos hoje, em grafitos, em objetos do quotidiano, na esquina daquela muralha, no recanto escondido da casa? *Hic habitat felicitas*, «Aqui habita a felicidade». Habita? Ou... proporciona? Porque, amigos, essa legenda ilustra, maliciosamente, a representação de enorme falo erecto! . . . «Comi ostras, amiúde bebi Falerno; banhos, vinho, amores, ano após ano, foram minha companhia até à velhice», mandou gravar Gaio Domício Primo no seu epitáfio!

Sexualidade, arte e poder – sedutora trilogia antiga que também a actualidade jamais enjeitará.

Teleconferência - Quinta-feira - 18h-19h - Auditório ICH

Prof. Dr. Francisco Marshall - UFRGS

Eros, Hermes e Afrodite: quando saber e amor se encontram

A partir da arqueologia do templo de Afrodite em Locri Efizefiri (Calabria), examinaremos a natureza do culto, suas relações com o culto de Perséfone e a figura de Hermes. Analisaremos especialmente o quadro (pinax) de Afrodite e Hermes e outras situações em que estes se encontram, entre Ovídio e Botticelli.

Conferência de Encerramento - Sexta-Feira 05/05 – 19h - Auditório ICH

Prof^ª. Dr^ª. Maria Regina Candido – UERJ

Corpo: expressão de arte, poder e sexualidade.

O corpo tem sido objeto de admiração, desejo e culto desde a antiguidade, fato que o torna, progressivamente, objeto da história por ser tributário de condições material e cultural que variam através do tempo. Podemos afirmar que o corpo ocupa um lugar no espaço, apresenta-se como um vasto território de pesquisa de diferentes áreas de saber. O corpo tornou-se um texto enigmático a ser lido e decifrado através de instrumentos teórico e metodológico que nos possibilitam analisar e refletir sobre o permitido, o interdito e o não-dito, ou seja, as possíveis representações do imaginário social e cultural do qual o corpo passou a ser tributário.



MESAS REDONDAS

MESAS REDONDAS

Mesa Redonda 1 - Terça - Feira 06/05 - 10h - Auditório ICH

Ordem imperial e fronteiras no Baixo Império

Reúnem-se nessa mesa trabalhos versando sobre diferentes aspectos de uma problemática bastante ampla, qual seja, os processos de transformação e conflitos vividos no Baixo Império. A ordem imperial e suas fronteiras serão estudadas a partir do exame da chamada barbarização do Exército, do recuo na prática de dedicação de estátuas e suas relações com a vida cívica nas cidades itálicas, das fronteiras entre judaísmo e cristianismo e as concepções sobre o poder imperial e a partir das obras de Sinésio de Cirene e de Temístio.

Barbarização do Império Romano: renovação historiográfica e novos caminhos para o tema

Prof.^a Margarida Maria de Carvalho (UNESP/ Franca)
Ana Carolina de Carvalho Viotti (Bolsista de iniciação FAPESP)
Bruna Campos Gonçalves (Bolsista de iniciação FAPESP)

No final da última década do século XX a historiografia sobre a Antiguidade Tardia passou a tratar o tema Barbarização do Exército Romano de forma contrária aos estudos predominantes sobre o tema. Tais investigações baseavam-se numa concepção negativa da presença do estrangeiro no interior da força militar romana associando-a à queda do Império Romano ou à desestruturação do ocidente. A presente comunicação visa estabelecer novas tendências de análise que incluem a noção de uma construção de identidade plural que seria favorável à perpetuação do Exército. Sendo assim, a chamada Barbarização, inclusa no interior da conceituação de Antiguidade Tardia, não seria um fator de desagregação do Império Romano nos séculos IV e V d. C. e sim, um novo olhar acerca das continuidades e rupturas do pensamento político-militar romano.

Ordem imperial e política local: estátuas honoríficas e vida cívica na Itália tardo-antiga

Carlos Augusto Ribeiro Machado – USP / Fapesp.

A prática de dedicar estátuas honoríficas é uma das características definidoras da cidade antiga. Em todo o Mediterrâneo, comunidades, associações e indivíduos dedicaram milhares de estátuas celebrando patronos, governantes, ou cidadãos dignos de tal honraria. As estátuas que embelezavam as ruas, basílicas, e fóruns das cidades romanas constituíam uma representação da estrutura social local e de sua adesão à ordem imperial. Esta prática atingiu seu apogeu no século II d. C, e entrou em declínio acelerado a partir do final do século III. O objetivo deste trabalho é discutir a evidência disponível para este declínio e o que ela pode revelar sobre a vida cívica e a evolução da ordem imperial, concentrando-se no caso das cidades italianas entre os séculos IV e VI.

Os judaizantes no século IV: um obstáculo à afirmação da ordem imperial cristã

Prof. Dr. Gilvan Ventura da Silva - UFES.

No século IV, sabemos que os limites entre o judaísmo e o cristianismo ainda estavam sendo construídos. Essa situação, conjugada com o extraordinário reforço da liderança episcopal sobre as congregações cristãs a partir de Constantino, conduziu à deflagração de uma espiral de anti-judaísmo e de retaliação contra os judeus e judaizantes. Na opinião de alguns autores, as práticas judaizantes constituíram o perigo maior e mais constante para a Igreja no Baixo Império Romano, fato que exigiu um posicionamento das autoridades eclesiásticas sobre a matéria. Evidências seguras de que a problemática dos judaizantes emerge com um vigor surpreendente no IV século provêm dos cânones dos diversos concílios que ocorreram nesse período, quando o assunto passa a ser tratado como uma questão de política eclesiástica, envolvendo inclusive a adoção de penalidades contra os infratores. Nesse sentido, pretendemos discutir, nessa comunicação, a experiência dos judaizantes, refletindo sobre o obstáculo que representaram para a consolidação da ordem cristã no século IV. Para tanto, exploramos como principal documentação os cânones conciliares, os quais nos permitem captar o discurso normativo da Igreja em face do problema.

A ordem imperial no IV século: ideologia cívica e religião

Prof. Dr. Norberto Luiz Guarinello - USP

Esta apresentação visa discutir alguns aspectos preliminares sobre as concepções sobre o poder imperial no final do século IV d. C, a partir das obras de Sinésio, de Cirene e de Temístio, com o objetivo de delimitar a contraposição entre concepções cívicas, militares e religiosas do Império em sua metade oriental.

Mesa Redonda 2 - Terça feira 06/05 – 10h - Sala 4

Poder e sedução de ícones do Egito antigo no cotidiano da América do Sul

Por que o achado de um ícone do antigo Egito no cotidiano causa impacto? A questão norteadora desta mesa é como valorizar a egiptomania, compreendida como um fenômeno de transculturação, dotado com um poder de sedução implícito, baseado no imaginário coletivo, e, neste sentido, discutir se ela pode ser considerada elemento constitutivo de formação de um "hábito social não planejado". As práticas de transculturação, de um modo geral, são por vezes imperceptíveis aos olhares menos atentos, mas mesmo assim elas fazem um reforço da identidade-nós, porque fortalecem o imaginário coletivo atribuindo um significado dado pela sociedade aos signos de que se utilizam. Nesta mesa analisaremos, sob essa ótica, os usos de dois ícones de extensa

pesquisa sobre Egiptomania no Brasil: a esfinge egípcia em criações de charges e de caricaturas e a utilização do nome e/ou imagem das monumentais pirâmides de Gizé em logomarcas brasileiras. Como diz Norbert Elias: *"Uma investigação mais minuciosa dos processos educacionais que desempenham papel decisivo na formação das imagens do eu e do nós dos jovens lançaria mais luz, e rapidamente, sobre a produção e reprodução das identidades-eu e nós ao longo das gerações."* Esta pesquisa de cunho transdisciplinar conta com uma gama diversificada de áreas do saber, dentre elas: a história, antropologia, filosofia, sociologia, letras, marketing e comunicação todas com o objetivo de contribuir para o melhor entendimento desse tema.

Cotidiano e Egiptomania: uma questão de memória histórica

Prof.^a. Dr.^a. Margaret Marchiori Bakos – PUC/RS (coordenadora)

Esta comunicação faz reflexões de cunho teórico metodológico acerca de pesquisa sobre a presença de motivos egípcianizantes na arte, na arquitetura e no cotidiano dos brasileiros. O trânsito de elementos do Egito antigo para este país se iniciou ainda no decorrer do século XVIII, incentivado pela família real portuguesa, fato que encorajou o estudo da Egiptologia e da História Antiga em escolas e universidades brasileiras. Entretanto, houve também, no Brasil, o seqüestro de imagens do antigo Egito, principalmente: pirâmides, obeliscos e esfinges, pela egiptomania, e com outros objetivos. Questiona-se, nesta apresentação, a ancoragem em valores cultivados por uma memória coletiva dessas apropriações. Se, de um lado, nesta ótica, elas podem significar apenas simples repetições, de outro, elas também são criações originais, pois apresentam mudanças e transformações nos vestígios do passado, de inúmeras e peculiares formas, relacionadas ao tempo e contexto de sua gênese.

Pirâmides: de tumbas da antiguidade a logomarcas de empresas imobiliárias

Ana Paula de Andrade Lima de Jesus – graduanda - PUC/RS

Esta pesquisa faz parte do projeto Egiptomania no Brasil séc. XIX e XX e pretende estender investigação anterior sobre o mesmo tema. Esta pesquisa se realizou através da atualização dos dados já existentes, novas buscas via internet, sistematização e análise do conjunto já registrado em um Banco de Dados específico. A primeira pirâmide foi encomendada pelo faraó Djoser (\pm 2. 800 a. C) seu arquiteto Imhotep que a construiu em Saqqara, no Egito, e por seu grande feito foi divinizado. As pirâmides de Gizé no Egito são as únicas das sete maravilhas do mundo antigo, ainda existentes. Para a compreensão do uso recorrente, em práticas de transculturação, deste ícone da civilização egípcia antiga em logomarcas, com o nome e/ou imagem das pirâmides, em empresas imobiliárias e o poder implícito utilizado é necessário um estudo mais preciso sobre o caráter da emissão e da recepção de cada criação. Sabemos que a egiptomania é um fenômeno que circula, há milênios, através do imaginário coletivo sobre o signo da

pirâmide tendo em vista a sua fácil identificação, pretendemos agora através da interdisciplinaridade buscar a genealogia de cada criação.

A manifestação do humor através de charges com esfinges egípcias

Karine Lima da Costa-graduanda - PUC/RS

A presente pesquisa tem como objetivo analisar algumas charges e caricaturas que trazem em sua composição a imagem da esfinge egípcia, para tentar compreender como e por que o imaginário coletivo consegue moldar características de uma sociedade atual, baseada em mitos e crenças do antigo Egito e qual a sua importância no cotidiano dos veículos que a representam. A esfinge é uma composição híbrida, comportando um corpo de leão e uma cabeça humana. Trata-se de uma figura real, pois o *nemes* era um toucado usado especificamente pelos monarcas que portavam também uma falsa barba, outro atributo da realeza. Segundo o egiptólogo francês Jean Leclant, “a egiptomania é também um lugar para o humor”. As charges são apenas uma das tantas formas em que podemos encontrar a egiptomania, assim como também os monumentos, estabelecimentos comerciais, entre outros. É bem certo que a charge pode sim ser manipuladora de opiniões, mas sempre vai depender da intenção do veículo que a reproduz.

Mesa Redonda 3 - Terça Feira 06/05 - 19h - Auditório ICH
--

Ordem imperial e fronteiras no Alto Império

A mesa colocará em debate perspectivas de estudo diversas sobre um mesmo tema, qual seja a ordem imperial e suas fronteiras. Serão privilegiados temas tão diversos quanto os programas de obras públicas, as fronteiras entre os livres e escravos e os mecanismos de hierarquização social e as redes de solidariedade. Perpassando todos os trabalhos, teremos um fio comum, qual seja, a reflexão sobre o Império com ênfase no problema representado pela tensão entre unidade e fracionamento, passíveis ambos de serem analisados por fronteiras sempre envolvidas por múltiplas disputas.

Arte, construções públicas e a manutenção da ordem imperial romana

Ana Teresa Marques Gonçalves - UFG (coordenadora)

Neste trabalho, pretendemos analisar como a fomentação da realização de obras públicas em vários espaços dominados pelos romanos contribuiu para suscitar a imagem da existência de uma ordem imperial romana, que se produziu a partir da construção da imagem da cidade de Roma como centro de um império territorial, marcado pela mescla de costumes, práticas políticas, econômicas e sociais e técnicas artísticas.

Ordem imperial e fronteiras no principado de Nero

Prof. Dr. Fábio Fav ersani – UFOP

O principado de Nero é marcado por uma série de divisões. Dentre elas, podemos lembrar as mais óbvias, como a separação entre um bom governo no início e um péssimo governo ao final; entre a cidade de Roma antes e depois do incêndio; o início da perseguição dos cristãos; o fim da dinastia Júlio-Cláudia. No entanto, o que nos interessa são as fronteiras menos episódicas. A idéia de ordem imperial se debate com uma série de fronteiras desenhadas episodicamente, conjuntamente e mesmo estruturalmente. Muitas vezes essas fronteiras são vistas como um limite à unidade, mesmo que não sejam sempre divisões. O objetivo dessa comunicação é debater qual o caráter de algumas dessas fronteiras e o papel que desempenhavam tanto no fortalecimento quanto na dissolução de uma ordem imperial que pudesse ser tomada como unitária.

Ordem imperial e escravidão sob os Júlio-Cláudios

Prof. Dr. Fábio Duarte Joly - UFRB

O estabelecimento do Principado por Augusto representou uma reordenação política que afetou a organização social em Roma e nos territórios sob seu domínio. A própria instituição da escravidão não saiu incólume dessa transformação, como indicam as intervenções imperiais, de Augusto a Nero, na soberania doméstica dos senhores de escravos. Nesse sentido, serão discutidos os graus dessa intervenção, e suas implicações sociopolíticas, sobretudo no tocante à constituição de fronteiras entre livres e escravos e no interior da própria comunidade cidadã.

A apresentação deste trabalho contou com o apoio da Fapesb (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia).

Mesa Redonda 4 - Quinta - Feira 08/05 – 10h Auditório ICH

Sexo e poder nas religiões na antiguidade

A sexualidade era tema de intensa expressão e reflexão nas narrativas míticas e religiosas da antiguidade. Os deuses assumiam papéis sexuais e serviam de modelos e contra modelos para os humanos. Nos mitos eles fundamentam a sexualidade humana. Estudar a sexualidade dos deuses – ou seu ocultamento – é de certa forma, estudar os dilemas e possibilidades dos seus seguidores e adoradores. Os deuses também tinham algo a dizer sobre a sexualidade das comunidades que os reverenciavam por meio de exortações e leis sobre as práticas e papéis sexuais. É interessante observar que grupos sectários freqüentemente tinham em posturas sobre a sexualidade (algumas muito radicais) formas de definição de identidade. Como expressão fundamental humana, a sexualidade está inserida num campo complexo de interesses e conflitos. Neste jogo dos símbolos religiosos, a representação sexuada das divindades e suas regras implícitas e

explícitas têm muito a dizer sobre a economia dos corpos, suas relações de gênero, idealizações e negações.

**Considerações sobre poder e sexualidade nas comunidades cristãs paulinas:
o caso das mulheres e o véu nas assembléias em 1 Coríntios 11:2-16**

Prof.^a Dr.^a Monica Selvatici - UFPel (coordenadora)

Esta apresentação tem por objetivo discutir a questão do papel desempenhado pelas mulheres no interior das comunidades paulinas a partir da fala do apóstolo Paulo na primeira epístola aos Coríntios 11: 2-16 acerca da obrigatoriedade de as mulheres cristãs usarem o véu nas assembléias. Nela analisarei a interpretação, feita recentemente por John Dominic Crossan, para esta passagem da epístola e as implicações dela sobre a questão de gênero/poder nas comunidades cristãs fundadas por Paulo.

Gênero, sexualidade e poder no ritual de matrimônio na Grécia Antiga

Prof. Dr. Fábio Vergara Cerqueira - UFPel

Discutirei, nesta apresentação, o ritual grego do matrimônio e as questões de gênero/sexualidade e poder que dele se depreendem. Uma atenção especial será conferida ao aspecto não religioso da cerimônia na Grécia antiga, em contraposição ao ritual do casamento cristão, que se organizou, ao longo da história, em termos religiosos.

**Repressão sexual e poder no Cristianismo Primitivo:
as origens de uma escolha**

Prof. Dr. Paulo Augusto de Souza Nogueira - UMESP

Muito cedo os primeiros cristãos se decidiram por refrear a sexualidade e por condenar veementemente os que não seguiam rígidos padrões de conduta sexual. A origem judaica da nova religião lhe dava antecedentes que relacionavam a sexualidade e, em especial, sua expressão feminina, como sedução demoníaca. O corpo da mulher e seus fluídos, e por conseqüência o encontro sexual, eram cercados por tabus e, rígidas normas de pureza. No mundo greco-romano esta postura de repressão ao corpo e à sexualidade é reforçada com outras formas de interditos e de sujeição do corpo a preconceitos na relação homem-mulher, além de ideologias homofóbicas. *Regras de pureza* do judaísmo se unem a *códigos de deveres domésticos* helenísticos, formando uma ética sexual rígida.

Merece destaque o fato de que os grupos que eram considerados dissidentes e concorrentes entre as comunidades cristãs eram descritos e criticados como sexualmente desviantes e imorais. Une-se, desta forma, um discurso de negação e de demonização da sexualidade com o uso retórico de *tópoi* usados na crítica a adversários e hereges.

Nosso objetivo é analisar as precoces associações entre poder desviante e sexualidade desviante na literatura do cristianismo primitivo e demonstrar como a idéia

da sexualidade ideal é usada na construção gradativa do ideal do poder religioso legítimo.

Mesa Redonda 5 - Quinta - Feira 08/05 – 10h Sala 4

A Concepção Divina no Egito Antigo

Forma de poder e Expressão da Sexualidade

Prof. Julio Gralha- NEA - UERJ- doutorando- UNICAMP (coordenador)

Nos mitos criadores e em algumas práticas mágicas egípcias antigas é possível observar a relação de poder e sexualidade, que em certa medida estabelecem uma legitimidade de ação para aquele que criou ou se utilizou destes mitos e práticas.

Assim sendo o presente trabalho pretende analisar tais situações, sobretudo na esfera do poder real e na organização do panteão divino.

As relações de poder na Península Ibérica: Cartagineses, romanos e Iberos

Fabricio Nascimento de Moura -Graduando- NEA/UERJ

O cenário político internacional contemporâneo aponta para a emergência de conflitos em variadas regiões ao redor do globo terrestre. Visamos a partir dos problemas internacionais atuais, buscar no mundo antigo os fundamentos das relações de poder entre as chamadas cidades-estado, tratando do caso específico da Península Ibérica no período que antecede as chamadas guerras Anibálicas ou segunda Guerra Púnica, por volta de 236 a. C.

Antes, porém faremos uma breve revisão sobre a formação dos primeiros estabelecimentos coloniais da região. As primeiras colonizações fenícias da região datam de um período anterior à fundação de Cartago. De acordo com a tradição um impulso migratório deste povo teria atingido a região peninsular por volta do século XII a. C, com a fundação de Cadiz (Gades), no que a constituiria a mais antiga entre todas as fundações fenícias.

As Relações de Poder de Roma com o Egito Através do Comércio

Ronald Wilson Marques Rosa – graduando - NEA/UERJ

Esta análise tem como objetivo demonstrar que as interações entre as sociedades da antiguidade se davam de forma intensa, que estas sociedades não eram sociedades estanques, que somente interagiam através de conquistas, guerras. Nossa pesquisa tem como hipótese que esta interação se dava por vários fatores, sendo que o principal seria através do comércio, ou seja, através das atividades mercantis – estas estariam ligadas ao comércio de longa distância, de importação e exportação de artigos de luxo ou de alimentos. Estas interações seriam de ordem política, cultural e econômica.

Práticas Religiosas de legitimação do Poder no Egito Faraônico, no Egito Ptolomaico e no período de dominação Romana.

Carlos Eduardo da Costa Campos – graduando - NEA-UERJ

Visamos aqui demonstrar que as práticas religiosas no Egito antigo durante os períodos: Faraônico, Ptolomaico e Romano parecem apresentar diferenciações nos seus rituais durante o passar dos tempos. Através dessa análise visamos argumentar como determinadas práticas, as quais poderiam servir de bases de legitimação para o poder do monarca, visto que deveriam envolver a sociedade sendo realizadas na parte exterior aos templos. Como exemplo desta prática havia o Festival – Sed efetuado no Egito Faraônico. Com o tempo vemos que certas práticas podem ter sido apropriadas pelos Ptolomaicos para legitimarem o seu poder real e o que temos por hipótese é uma possível interiorização nos templos de tais formas de legitimação do poder quando ocorreu o período de dominação Romana, possivelmente assim evitando conflitos entre Roma e o Egito. Além disto, vamos refletir sobre as implicações dessas práticas religiosas e suas conseqüências.

Mesa Redonda 6 - Sexta - feira 09/05 - 10h - Auditório ICH
--

**Poder e sexualidade na Roma imperial:
instâncias e construções da prática cotidiana**

O eixo norteador das três palestras nesta mesa-redonda é a construção de instâncias da relação entre poder e sexualidade na Roma do Alto Império, que, no entanto, revelam como característica comum o aspecto cotidiano da construção constante de identidades comuns nos grupos urbanos. Os três trabalhos discutidos apresentam diferentes recortes de uma mesma sociedade na consolidação, afirmação e reformulação de suas sexualidades e da forma como esses aspectos identitários determinam a inserção social de homens e mulheres no cotidiano dentro do mundo romano. Em um plano mais deliberadamente institucional, temos a questão da construção de uma identidade que se impõe como definidora do caráter romano por excelência, na oposição da política cultural de Vespasiano em relação à tentativa helenizante de Nero, com implicações simbólicas que remetem diretamente a certo entendimento da virilidade celebrada dos gladiadores contra a efeminação nas atitudes praticadas e incentivadas por Nero. Através de um recorte mais relacionado ao estudo da iconografia e da cultura material em Pompéia, podemos analisar outras construções mais fluidas da sexualidade romana, vividas no plano privado, mas também ainda sancionadas no plano público, o que acaba por demonstrar que os objetivos simbólicos daquela política institucional não são necessariamente acatados nessa mesma sociedade. Por fim, uma outra sociedade em formação e na busca de sua própria identidade oferece, no mesmo período e ainda dentro do ambiente cultural do império, outras possibilidades de auto-definição e de leituras da sexualidade e da maneira como ela é vivida e definida na vida cotidiana. Sendo assim, a análise e a discussão dessas três abordagens permitem

um debate sobre padrões sociais e instâncias do poder e da construção das ortodoxias, em um mesmo recorte temporal, que afetam e definem a identidade e a vivência de homens e mulheres no mundo romano.

Espetáculos públicos e identidades sob Nero e Vespasiano

Prof^a. Dr^a. Juliana Bastos Marques - DH-FFLCH/USP (coordenadora)

Este trabalho busca discutir alguns aspectos simbólicos dos espetáculos públicos na Roma imperial. Em especial, dois exemplos diametralmente opostos nos mostram como se deu a aplicação deliberada dos espetáculos na construção de diferentes relações entre o *princeps* e as diversas camadas sociais de Roma. Nero apresenta-se nos palcos como músico e ator, e seu objetivo expresso é a imposição, relativamente bem-sucedida, de um modelo cultural helenizante. Já Vespasiano, através da construção do Coliseu nos jardins da *Domus Aurea* neroniana, visa se contrapor radicalmente à política cultural de seu antecessor. A resposta às apresentações artísticas helenizantes de Nero, que tanto as fontes como alguns contemporâneos lêem como expressões de efeminação, é a construção de um local voltado para um entretenimento tipicamente romano e relacionado à guerra e à *virtus*: as lutas de gladiadores. Sendo assim, a política cultural de Vespasiano pode ser lida como uma tentativa de afirmação de um caráter tipicamente "romano" simbolizado pelos atributos dos combates gladiatoriais que fazem contraponto à efeminação de Nero e de sua atitude como artista.

Arte e Poder: a leitura da sexualidade na iconografia romana

Marina Regis Cavicchioli- doutoranda- IFCH-UNICAMP

A temática da sexualidade permeou muitas representações artísticas no mundo romano. Dentre elas, destacaremos aqui, o material iconográfico, composto por pinturas, mosaicos, esculturas e objetos de uso diário. Durante muito tempo estes artefatos foram tratados como material pornográfico, recebendo poucos estudos. Todavia, nas duas últimas décadas, os estudos sobre a sexualidade cresceram significativamente e ganharam importante legitimidade no meio acadêmico. Uma análise sistemática de algumas destas iconografias, como o estudo de caso que pretendemos apresentar, demonstram como a arte erótica pode ser reveladora das relações sociais e dos usos de poderes nas práticas cotidianas romanas, enfatizando aqui as relações de gênero, entre pessoas de sexos opostos e de mesmo sexo, tendo assim, muito a contribuir para o nosso conhecimento do mundo antigo.

A questão da sexualidade dentro das epístolas paulinas e o problema do celibato e continência sexual entre os cristãos do segundo e terceiro séculos

Roberta Alexandrina da Silva - Doutoranda IFCH-UNICAMP

As Epístolas de Paulo de Tarso foram os primeiros documentos cristãos que se preocuparam com questões sobre o casamento, homossexualidade, virgindade, celibato e

renúncia sexual. Mesmo sendo discursos ocasionais e esparsos, suscitaram entre vários grupos gnósticos, como os Marcionitas, valentinianos e outras várias visões de sociedades e valores, que rapidamente se chocaram contra o grupo dos “ortodoxos”, ou aqueles que se firmavam na figura de Pedro e se intitulavam como guardadores de uma regra - *kánon*. Com isso, essa comunicação visa debater como Paulo de Tarso, nas suas várias Epístolas, formulou as questões sobre a sexualidade para em seguida, analisar quais os discursos paulinos que foram utilizados na construção de suas identidades por cristãos ortodoxos e heterodoxos, gnósticos, do segundo e terceiros séculos.

Mesa Redonda 7 - sexta feira 09/05 - 10h Sala 4

Cultura e política no século V em Atenas

A mesa visa discutir alguns aspectos da cultura e da política em Atenas. A partir de trabalhos específicos, nos quais aparecem aspectos dessas práticas, nota-se a multiplicidade da interpretação como também da criação ateniense no século V.

A natureza do vocabulário Político em Antígona

Prof. Dr. Jussemar Weiss Gonçalves – FURG (coordenador)

Este trabalho busca estudar como Sófocles em seu texto Antígona, constitui um vocabulário político bem específico e cujos conceitos não estão afinados com a *Polis* do século V. a. C.

Neste artigo nosso enfoque gira em torno da forma a partir da qual o autor vai alinhavando uma compreensão do político através de expressões. Este vocabulário parece ser arcaico, na medida em que ele estaria conectado a uma realidade mais antiga a aquela vivida pelo autor.

Giovana da Conceição Giongo –graduanda- FURG

No homem contemporâneo à vontade se caracteriza como uma dimensão essencial da pessoa. O nosso “eu” manifesta-se através da nossa vontade. O homem que exerce sua vontade se vê, em meio aos outros e a natureza, como centro de decisão, responsável por todos os atos que dele emanam. Essa relação que estabelecemos com nossos atos não é um dado da natureza humana, universal e permanente. Sendo assim, nossa problemática gira em torno da compreensão do agir na Grécia antiga, mais especificamente no século V a. C. Para isso, utilizaremos como fonte as tragédias de Ésquilo, o mais antigo dos três grandes poetas trágicos que nasceu em Elêusis, nas proximidades de Atenas, por volta de 525 a. C. e sua vida coincidiu com o apogeu da democracia ateniense. Em um primeiro momento estabelecemos um panorama da historiografia existente em torno desta temática. Logo após, com o intuito de clarificar nosso tema, buscaremos abordar nossa problemática, a ação na Grécia antiga, do ponto de vista da discussão existente em torno de duas formas de pensamento, o *Mytho* e o *Logos*. Portanto, mostraremos como o homem estabelece relação com suas ações nesses dois momentos, para que, através da comparação do pensamento mítico, consigamos compreender melhor o agir do

pensamento racional. Seguindo com nossas análises, iremos estabelecer o elo entre a tragédia e a cidade enfatizando a ação nessa relação. Concluímos que A ação humana é um problema para Ésquilo, no entanto, não é uma problemática que baste para si só. Ela ganha sentido na Grécia antiga, no período das tragédias, se contrastadas com outras esferas: social, natural e divina. Sendo assim, os atos humanos revelam seu sentido quando se vêm articulados com essas forças, ou seja, é no confronto entre os atos humanos e essas forças que o espaço ocupado pelo homem, em um universo social, natural e divino, se revela.

Aspectos ambíguos da morte durante o século V a. C. : O espírito democrático das orações fúnebres e o período anárquico da peste, em Atenas

Wagner Mess, Bacharel em História-FURG

O século V a. C. se apresenta para aqueles que se aventuram a conhecê-lo como pedra fundamental na história do pensamento humano. Durante séculos, entretanto, os historiadores buscam uma forma de reconstruir e compreender o que tivera sido aquele curto e movimentado período da organização humana. Dentro do conjunto das pólis que se constituem em um imbricado mundo de leis e tratados que compunham a Hélade, podemos destacar uma série incontável de formas de construção humana que se elevam, fundamentalmente em Atenas, pelo seu grau de pioneirismo e importância que adquiriram frente às gerações que a sucederam. É de Atenas que iremos tratar, é nela que a singularidade do mundo helênico atinge seu esplendor e é, fundamentalmente, sobre ela que os olhos do mundo contemporâneo ocidental se fixam na busca por pistas que nos auxiliem a problematizar e explicar quem somos. O foco principal deste trabalho será a pólis democrática, estará sobre Atenas durante o século V a. C. o centro de nosso interesse. A democracia dos antigos será o pano de fundo de nosso estudo; os assuntos aqui trabalhados, bem como a metodologia utilizada para melhor compreendê-los, terão como objetivo principal estudar o desdobramento dessa forma singular de sistema no seio da cidade antiga.

Sobre a Autoria em Heródoto: História e Isonomia

Tiago Guterres - graduando – FURG

O presente texto busca analisar a categoria autoria em Heródoto; a maneira como o autor reivindica a produção da história, relacionando tal reivindicação com o ideal grego de isonomia.



MINICURSOS

MINICURSOS

Minicurso 1 – 06,08 e 09/05 - 8h15 - 9h45 Auditório ICH

Corpo e as relações de Poder em Roma Republicana

Ministrante: Prof^a. Dr^a. Norma Musco Mendes - UFRJ

Pretendemos analisar neste mini-curso, através de documentação textual e imagética, a dinâmica de interação entre as relações de poder e a construção do sistema de representações do corpo, partindo da hipótese de trabalho de que as culturas são gestadas e transformadas de acordo com os contextos históricos e sociais.

Bibliografia básica:

GIARDINA, A. O Cidadão e o político. IN: GIARDINA, A. (org.) *O homem romano*. Lisboa: Presença, 1991.

MENDES, N. M. Estrabão e a Enunciação de uma “estrutura de atitudes e referências da cultura imperial”. IN: *PHOENIX*. Rio de Janeiro: Mauad, 2003, p. 305-313.

PORTER, R. História do Corpo. In: BURKE, P. (org.). *A Escrita da História: novas perspectivas*. São Paulo: UNESP, 1992, pp. 291-326.

RODRIGUES, J. C. *Tabu do Corpo*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1975, pp. 43-126.

Minicurso 2 – 06,08 e 09/05 - 8h15 - 9h45

Cancelado

Minicurso 3 - 06,08 e 09/05 - 8h15 - 9h45 Sala 2

Usos da arte pelo poder na Grécia Antiga

Ministrante: Prof^a. Dr^a. Maria Beatriz Borba Florenzano (USP- MAE)

1ª Aula – Usos políticos do *Pártenon* (Atenas)

2ª Aula – A arte oficial nas moedas gregas

3ª Aula – Arquitetura, Urbanismo e estratégias de inclusão/exclusão social

Minicurso 4 - 06,08 e 09/05 – 16h-17h30 Sala 1

Estudo introdutório sobre a escrita cuneiforme e a língua acádica

Ministrante: Prof^a. Dr^a. Kátia Maria Paim Pozzer (ULBRA)

A primeira escrita da humanidade é a escrita cuneiforme e os documentos mais antigos encontrados na Mesopotâmia datam de, aproximadamente, 3. 200 a. C. O sistema gráfico cuneiforme nasceu de um longo processo de criação e conheceu uma evolução que se fez sentir não somente na Paleografia, como também na utilização dos sinais e é dividido em duas grandes etapas: a pictográfica e a silábica. Na Mesopotâmia

falavam-se duas línguas: o sumério e o acádio. O acádio foi a língua empregada em toda a correspondência diplomática entre os diversos reinos que existiram ao longo dos três mil anos de história anterior ao domínio grego. O curso propõe uma discussão sobre os princípios básicos da língua acádica, bem como sobre os fundamentos da escrita cuneiforme.

Minicurso 5 - 06,08 e 09/05 - 8h15-9h45 Sala 2

Lisístrata, Helena e Medéia no cinema: representações do poder do sexo frágil

Ministrante: Prof^ª. Dr^ª. Maria Cecília de Miranda Nogueira Coelho (PUCSP-COGEAE)

Neste minicurso, pretendo analisar algumas representações contemporâneas de personagens femininas da mitologia grega, por meio do estudo de cenas dos filmes *Destino de Mulher* (episódio 3, *Lisístrata*, de Christian-Jacque, 1953), *Troianas* (M. Cacoyannis, 1971), *Helena de Tróia* (R. Wise, 1956), *Helena de Tróia* (J. K. Harrison, 2003), *Medea* (P. P. Pasolini, 1971) e *Gritos de Mulher* (J. Dassin, 1978). Observando certas características destas três famosas mulheres da literatura grega - principalmente por meio dos textos de Homero, Eurípidés, Aristófanes e Górgias - tentarei identificar os pressupostos que nortearam a releitura de seu papel a partir das categorias de desejo (*eros*) e discórdia (*eris*).

Minicurso 6 - 06,08 e 09/05 - 16h-17h30 Sala 4

Introdução ao estudo da epigrafia romana

Ministrante: Prof. Dr. José d'Encarnação - Universidade de Coimbra

1ª Aula – Epigrafia, escrita para sempre!

Partindo do conceito de Epigrafia como ciência, mostrar-se-á como – irmanada com muitas das técnicas da atual publicidade e comunicação – os monumentos epigráficos são de todos os tempos e, por conterem uma mensagem sintética e pensada para ser perpétua, constituem excelente fonte histórica, a ser tida em conta para todos os períodos da História, ainda que, até ao presente, ela haja sido privilegiada apenas em relação aos

2ª Aula – A Epigrafia romana: a escrita das pessoas

Mostrar-se-á como, numa epígrafe – designadamente numa epígrafe romana – o modo de identificação das pessoas é revelador do seu estatuto social. Dir-se-á como se identificam os cidadãos, os indígenas, os escravos, os libertos, os imperadores...

3ª Aula – A sociedade romana através da Epigrafia

Dir-se-á como uma análise das inscrições funerárias, dos textos em honra das divindades e das homenagens aos personagens ilustres a nível local e global nos permite entrar no âmago de uma sociedade, que de si quis deixar uma imagem para o futuro. Aproveitar-se-á para acenar ao fato de a política e a administração não prescindirem das epígrafes e até o quotidiano das gentes dele fazer largo uso.



COMUNICAÇÕES

COMUNICAÇÕES

Sessão 1 - Terça-Feira 06/05 - 14h-15h30 Auditório

Estudos sobre a cultura épica: corpo, canto e espaço sagrado.

Corpo belo até o fim: o kálos como símbolo de poder em Homero e na atualidade

Prof.^a Alessandra Serras Viegas - mestranda- UFRJ

O presente trabalho pretende fazer uma pequena análise da importância que é dada à beleza corporal como elemento memorial na épica homérica, tanto na vida quanto na própria morte, principalmente na *Ilíada*, e como o exemplo dos heróis-guerreiros são seguidos pela juventude pertencente à aristocracia do período clássico.

Buscar-se-á, ainda, mostrar os jogos de poder que estão implícitos nessa cultura do corpo, que é vista e retratada tanto naquelas sociedades – arcaica e clássica – quanto nos dias atuais, através dos modelos de beleza que acabam por “escravizar e estigmatizar” boa parte da sociedade hodierna, desde a juventude até à terceira idade

***Aedos* e aristocracia palaciana homérica: o exemplo de Fêmios e Demódocos**

Prof. Alexandre Santos de Moraes - mestrando-UFRJ

Nossa comunicação pretende observar as representações dos *aedos* Fêmios e Demódocos. Através da observância de sua atuação social em Ítaca e na Feácia, respectivamente, discutiremos de que modo a audiência da aristocracia palaciana descrita na *Odisséia* de Homero condiciona seu canto, oferecendo prestígio social ou provocando dilemas e conflitos.

A constituição do espaço sagrado: a restituição de valores na Antiga Índia

Iasminy de Paula Berquó - Graduada - UFG

A Índia possui em sua sabedoria e cultura, muitos aspectos particulares. Assim, a construção de um espaço sagrado, prevê a existência de determinados princípios e objetivos. Desta forma, a partir da análise introdutória do Bhagavad-Gita, pretende-se apontar características próprias de valores e concepções presentes na antiga sociedade indiana, acerca dos séculos IV a. C à II d. C, período de compilação do épico indiano Mahabharata, no qual se situa a obra que será analisada. Pretende-se destacar a maneira particular da constituição do espaço sagrado, tendo como referência o conceito de dharma, para uma análise mais completa sobre o funcionamento da sociedade indiana no período específico.

Gênero e sexualidade: o feminino no mundo antigo

Jenofonte: La gestión del *oikos*, la gestión de la mujer.

Una lectura político-antropológica desde los juegos de poder.

Prof. Dr. María Cecilia Colombani - Universidad de Morón.

Facultad de Humanidades. Universidad Nacional de Mar del Plata.

El proyecto de la presente comunicación consiste en efectuar una lectura político-antropológica de la obra de Jenofonte, desde una perspectiva de género. Nos proponemos dos cuestiones: en primer lugar analizar el escenario de los juegos de poder que se dan a partir de ciertas construcciones históricas, naturalizadas por los dispositivos políticos, y en segundo lugar, analizar los efectos que se producen a partir de desmontar dichas construcciones. La noción que queremos problematizar es el ideal de mujer y su par complementario, el ideal de hombre; ideales que retornan, a su vez, en el modelo de la buena esposa y del marido prudente, ejes de la obra de Jenofonte. Visualizar un determinado concepto implica recorrer las distintas capas que van configurando su espesura, su historicidad, hasta hacer del concepto un conglomerado de saberes, discursos y prácticas, que visibiliza su estructura ficcional y no su esencialidad natural. El trabajo se instala desde la arqueología (Foucault, M: 1969) como anclaje político. Primero porque da cuenta de cómo se ejerce el poder a partir de la naturalización de un determinado modelo; segundo porque la tarea de excavación supone desmontar el dispositivo y con ello la mirada ya no es la misma. Hay un efecto político, una práctica de lectura intersticial, una experiencia de transformación de la propia instalación como sujeto a partir de la desnaturalización de los procesos históricos.

Véu: instrumento de poder e controle da sexualidade feminina nas sociedades mediterrâneas antigas

Anderson Dias de Araujo - mestrando - UMESP - Grupo Oracula

Pelos diversos estudos que abordam o tema, é fato inconteste que, nas sociedades mediterrâneas antigas (II século a. C. ao III século d. C.) do mundo Greco-Romano, o uso do véu por parte das mulheres servia como instrumento de poder e controle masculino sobre a sexualidade feminina, delimitando e determinando o comportamento social das mulheres, tanto no âmbito público como no privado. Por conseguinte, analisaremos fontes textuais que nos ajudem a compreender a relação do uso do véu com o exercício do controle das mulheres por parte de seus pares masculinos, sejam eles pais, maridos ou filhos. Procuraremos distinguir, na medida do possível, o tratamento das mulheres judias e o de suas contemporâneas do mundo Greco-Romano.

**Identidade e Alteridade:
uma análise da documentação greco-romana a respeito da ‘mulher celta’**

Pedro Vieira da Silva Peixoto - graduando - UFRJ

Esta pesquisa tem por objetivo o desenvolvimento de uma análise crítica em relação ao modo como a “mulher bárbara” é apresentada nos textos gregos e latinos. No que diz respeito ao recorte temático, optou-se por trabalhar exclusivamente com os relatos sobre as mulheres nas sociedades celtas da Antigüidade. O estudo tomou como foco principal os discursos que são construídos acerca das mulheres gaulesas, gálatas e britânicas. Desta forma desenvolveu-se um estudo comparado, que busca perceber a ‘imagem’ que é construída pelas sociedades do Mediterrâneo em relação à ‘mulher celta’, problematizando tal imagem a partir das relações e dinâmicas existentes entre ‘Mundo Mediterrâneo’ e os ‘Celtas’.

Safo e Faon: sexualidade e morte através do tempo

Prof. José Roberto de Paiva Gomes - Mestre -UERJ

Analisaremos o mito de Safo e Phaon presente na obra *Heroides XV* de Ovídio, estabelecendo um dialogo com a cultura material presente na imagem salto de Leukas da Basílica da Porta Magiorre e, por fim comparando a recepção do feminino trágico de Safo presente na obra machadiana intitulada *Condessa Vesper* (a condessa da maldade).

Sessão 3 - Terça-Feira 06/05 - 14h-15h30 sala 2

Mito: Mitologia e Tragédia

Lo caótico y la mitología griega

Prof. Dr. Guido Fernández Pardo - Universidad de Morón

En la siguiente comunicación proponemos realizar una lectura de la mitología griega a la luz de lo que llamaremos «lo caótico». Se trata de un concepto que permite estructurar niveles distintos, estructurales, en el mito y, por lo tanto, una clasificación de las divinidades. En función de la relación que los distintos dioses tengan con lo caótico (y con el orden) se podrá hablar de los distintos niveles: el Caos, como potencia originaria, lo caótico propiamente dicho, en donde tendremos a potencias del caos, y, tomando una expresión de Guattari, lo caosmótico, potencias caóticas al servicio del orden olímpico. Estos tres niveles también coinciden con las tres generaciones de dioses presentes en Hesíodo. En el primer nivel, Gea y Caos, en el segundo, los Titanes, y en el tercero, monstruos como las Sirenas, las Harpías, etc.

As Diversas Máscaras de Dioniso

Leandro Mendonça Barbosa - mestrando-UFG

Dioniso é considerado pela historiografia como um dos deuses mais controversos do mundo grego antigo. Permeando todo o imaginário religioso e social, obteve seu apogeu no século V a. C, com a dramatização de seu culto nas apresentações teatrais. Eurípides foi um dos grandes dramaturgos que colocou o culto a Dioniso em suas peças. A tragédia *Bacantes* elucida toda a complexidade deste deus e seu caráter contraditório e ambíguo. O que se pretende com este trabalho é uma breve reflexão sobre algumas facetas de Dioniso, como a afirmação de alguns estudiosos vendo Dioniso como um deus do êxtase; outros como um deus violento. Pretende-se também uma discussão sobre a origem deste deus, que também é controversa. Chegou-se em um consenso quanto a Dioniso ser estrangeiro, porém de onde veio e quem o gerou ainda é pauta para diversas análises distintas. O culto em si também é abordado; como ele era praticado e qual sua função social. Finalmente, pretende-se uma análise de como este culto era abordado na tragédia, através do texto trágico supracitado.

As representações de Herácles nas tragédias: “As Traquinias” de Sófocles e “Herácles” de Eurípedes.

Poliane da Paixão Gonçalves Pinto - graduanda -UFG

O herói trágico no mundo antigo é um ser conflitivo, na medida em que arrisca a ordem do mundo conhecido cai em transgressão e deve passar por alguns passos para conseguir a redenção. Partindo dessa idéia de herói, analisaremos duas tragédias: “*As Traquinias*” de Sófocles e “*Herácles*” de Eurípedes, nas quais centraremos a abordagem na imagem de Herácles, que consegue atingir sua apoteose final após ter transgredido as regras do mundo vivenciado.

Heroínas na guerra de Tróia: Uma análise das tragédias de Eurípedes

Tatielly Fernandes Silva - graduanda -UFG

Buscaremos demonstrar neste trabalho as semelhanças e contradições entre Helena, Hécuba e Andrômaca, personagens pertencentes ao ciclo troiano, nas obras; *Helena*, *As Troianas* e *Andrômaca* do tragediógrafo grego Eurípedes e as possíveis aproximações das referidas obras e das três personagens com as definições de tragédia e herói trágico de Aristóteles.

Sessão 4 - Terça-Feira 06/05 - 14h-15h30 Sala 3

**Arte e iconografia do Mundo Antigo:
análise de poder, gênero, corpo e sexualidade**

Representações do amor e do sexo na arte da Antigüidade

Prof. Dr. Carlos Alberto Ávila Santos - FAU/UFBA

Dentre as diferentes temáticas abordadas pelos artistas na arte figurativa, as narrativas de amor e de sexo foram exploradas nas artes visuais produzidas por variadas culturas, desde a Antigüidade.

Esta comunicação busca abordar temáticas exploradas por artistas da Antigüidade, que a um só tempo entrelaçaram as representações do amor e do sexo com as idéias que prevaleciam em cada cultura citada: a crença nas divindades da fertilidade, como a deusa Ishtar na Mesopotâmia; o poder e a glória dos reis e a fé egípcia na imortalidade da alma, que implicava no sepultamento das múmias juntamente com todos os seus pertences, para a satisfação das almas; a mitologia e os ideais de beleza na Grécia e em Roma, como também o domínio do masculino sobre o feminino revelado através dos afrescos, das cerâmicas e das esculturas realizadas por estes povos. Como relevaram Bourbon & Liberati, no mundo machista da Antigüidade clássica as relações homossexuais não eram especialmente repudiadas. Ao contrário, foram muitas vezes cantadas pelos poetas.

A sexualidade nas representações artísticas das mulheres de Amarna (akhetaton – Antigo Egito)

Prof. Sérgio Ricardo Fracalanza Muzy - graduado- UFPel

O presente artigo tem o fito de mostrar e tentar se compreender o viés de sexualidade feminina na arte de Amarna. Para tal intento utilizaremos a análise iconográfica, juntamente com conceitos explicativos do período em questão, ou seja, o reinado do faraó Akhenaton (1353-1336 a. C.), entretanto, nos fixaremos nas representações das mulheres de Amarna. Dessa forma, o foco central deste artigo são as mulheres de Amarna e suas representações de sexualidade na arte vigente. Sabemos que a mulher no Antigo Egito era considerada igual ao homem em todos os domínios e possuía um status excepcional, talvez único, se compararmos com as outras culturas do mundo antigo. Veremos assim uma arte retratando mulheres de forma extremamente sensual, mulheres belas e outras normais, no entanto, sofisticadas nos ornamentos e vestidas com roupas plissadas de linho e semitransparentes, em poses delicadas, rituais ou enérgicas. Da poderosa Nefertiti, rainha, semi-deusa ou faraona, passando pelas suas filhas famosas, Meritaton e Ankhesenapaaton, até as populares dançarinas, musicistas e carpideiras, analisaremos o viés de sexualidade de todas elas expressado pela arte.

Projeto de Pesquisa: A Representação da Guerra na Iconografia Neo-Assíria

Prof^ª. Dr^ª. Katia Maria Paim Pozzer -ULBRA

A pesquisa tem por objetivo identificar o papel da ideologia do poder real e de como ela foi interpretada pelos artistas na representação imagética da guerra e dos conflitos militares que marcaram a constituição do grande império neo-assírio na

Antigüidade. As ideologias podem fazer uso de símbolos culturais para encobrir as relações de desigualdade e dominação, servindo para legitimar os interesses do grupo hegemônico no poder. As imagens são representações de ideais, sonhos, medos e crenças de uma época. Logo, são elas próprias, fontes históricas e, sendo assim, material para a análise e a interpretação histórica. Temos como objetivo geral estudar a representação da guerra nas imagens de relevos monumentais da Assíria no I milênio a. C. e por objetivos específicos identificar o papel da ideologia do poder real e de como ela foi interpretada pelos artistas na representação imagética da guerra e dos conflitos militares, que marcaram a constituição do império neo-assírio na Antigüidade; analisar o papel da figura do rei e sua legitimidade política; identificar aspectos tecnológicos, tais como, armas, carros de guerra, táticas e estratégias nas batalhas; identificar os aspectos religiosos, através das figuras de demônios e monstros que exerciam função protetora aos soldados e compreender a representação dos estrangeiros, dos exércitos inimigos e da população civil capturada.

Democracia e esportes em Atenas

Prof. Dr. Fábio de Souza Lessa (LHIA/UFRJ)

Há um consenso entre os pesquisadores das práticas esportivas gregas que durante o Período Clássico (séculos V e IV a. C.) houve um processo de democratização do atletismo na Hélade, estando esse processo vinculado à consolidação da forma de governo adotada pelos atenienses: a democracia.

Nesta comunicação objetivamos analisar a relação entre a forma de governo democrática e o crescimento do atletismo na Atenas Clássica. Elegeremos como objeto de estudo apenas uma das modalidades atléticas: o lançamento de disco. Tal escolha se justifica pelo discóbolo ter sido o ícone da democracia ateniense. Centraremos-nos na interpretação das imagens Áticas em suporte cerâmico.

Sessão 5 - Terça-Feira 06/05 - 14h-15h30 Sala 4

Historiografia Antiga I

Caio Graco e a ordem equestre na *história romana*: uma análise do relato de Veléio Patérculo

Alice Maria de Souza - Mestranda – UFG

Nesta ocasião analisaremos de forma concisa o relato de Veléio Patérculo sobre Caio Graco e sua relação com a ordem equestre no final do século II a. C. O autor em questão era descendente de uma família de cavaleiros e escreveu a *História Romana* no início do século I d. C, quando o imperador Tibério governava Roma. Em seu discurso, Veléio Patérculo condena claramente a transferência da direção dos tribunais para a os membros da ordem equestre, realizada por Caio Graco no final da República Romana. Assim, buscamos analisar as possíveis justificativas para tal condenação,

partindo do pressuposto de que muitos aspectos do contexto do autor influenciaram a sua escrita.

Aspectos da administração imperial de Tibério César nos Anais de Tácito

Rafael da Costa Campos – Mestre -UFG

Propomos-nos nesta comunicação a analisar alguns dos aspectos referentes à administração imperial do Imperador Tibério César Augusto (14 -37 d. C.), a partir do ponto de vista narrativo do historiador Públio Cornélio Tácito (55 -117 d. C.) em seus *Anais*. Partiremos de uma constatação inicial na qual podemos afirmar que, ao contrário de uma primeira impressão perceptível na leitura da fonte, percebemos que este Imperador não foi negligente com a difusão de sua imagem política, tampouco indiferente à forma como esta era assimilada pela população imperial tanto na Cidade de Roma quanto nas províncias. Esta consideração é importante por relacionar-se com uma latente necessidade no desenvolvimento de formas de conferência de autoridade e legitimidade ao seu governo, inserido em um momento de transição e consolidação de uma nova estrutura política. Desta forma, buscamos uma compreensão de como esta relação é apreendida a partir da análise de excertos que evidenciam suas atitudes políticas, bem como as conseqüências no panorama político do Principado durante o século I d. C.

As Representações de Cleópatra VII na Literatura Clássica: Um Olhar Sobre as Obras de Plutarco e Suetônio

Gregory da Silva Balthazar- graduando - PUCRS-CEJHA

Objetivo: O Objetivo desta pesquisa é mostrar a influência e a importância dos escritos de Plutarco e Suetônio para a construção da imagem da rainha Cleópatra VII.

Metodologia: A pesquisa esta baseada na análise de autores da literatura clássica, a partir do estudo da historiografia romana, foi realizada uma busca da imagem de Cleópatra retratada nas obras de autoria de Plutarco e Suetônio.

Resultados Parciais: A ambição que motivou toda a formulação de uma rainha lendária foi um aspecto perverso, assim como a misoginia e o racismo que lhe deram forma. Mas desse ponto de partida tenebroso cresceria uma imagem perenemente sedutora.

O esforço do historiador em Luciano de Samósata

Prof.^a. Deise Zandoná - doutoranda - UFRGS

Uma das dimensões da autoridade do historiador antigo é a constituição do caráter (*éthos*) literário do historiador, para o qual a alegação de esforço (*pónos*) empreendido no trabalho histórico é um dos aspectos fundamentais, juntamente com a experiência (*empeiría*) e a própria noção de *éthos*. Luciano de Samósata, satírico e sofista do século II d. C. , crítico da cultura – na perspectiva de Jacyntho Brandão, autor

de oitenta e seis textos entre diálogos, peças retóricas, diatribes e um romance fantástico, leitor de Heródoto, Tucídides e Xenofonte, bem como de Homero, Aristófanes, Hesíodo entre outros, apresenta os labores como um aspecto da autoridade do historiador que confere a veracidade à escrita histórica. Examinar as permanências e descontinuidades na utilização da noção de *pónos*, a partir das perspectivas de John Marincola e Nicole Loraux, seu papel na escrita da história e sua utilização por Luciano são os principais objetivos desta investigação.

Gladiadores: símbolos do poder imperial romano.

Prof. Kímon Speciale B. Ferreira –mestrando - PPGHC - UFRJ

Os gladiadores sempre exerceram fascínio na sociedade romana. Devido ao interesse da população de Roma e das províncias, foi possível identificarmos a presença dos mesmos em toda a vastidão do Império.

Buscamos nesta comunicação refletir a respeito do papel exercido pelos gladiadores como difusores da identidade imperial e do modelo de cidadania romana proposta no período imperial.

Sessão 6 - Quinta-Feira 08/05 - 14h-15h30 Auditório ICH

Interações Culturais e conflitos na Bacia Mediterrânea

Mercenarismo grego e tradição militar helenística: algumas considerações

Henrique Modanez de Sant’Anna - doutorando- bolsista – CAPES

Esta comunicação tem por objetivo apresentar as relações entre o mercenarismo grego e a tradição militar helenística, argumentando que o primeiro deve ser visto como elemento difusor da segunda. Após a reforma do exército macedônico e a construção do império de Alexandre, verificamos uma ampliação na contratação de mercenários gregos (*misthophoroi*) na Sicília, o que justifica esta região, tanto na Campanha de Pirro quanto na Primeira Guerra Púnica, como local onde uma das escolas táticas helenísticas pode ser percebida.

Carta de Aristeas a Filócrates: uma perspectiva sobre a relação entre a Cultura Judaica e a Helenística no Egito Antigo (300 a. C. a 70 d. C.).

Otávio Zalewsky - graduando - PUC/RS

O presente trabalho trata de uma análise das relações tensas e complexas entre as culturas Judaica e Helenística. A cultura Judaica em ampla efervescência e cada vez mais procurando espaço entre as outras comunidades, principalmente na grega. E a cultura grega procurando manter sua liderança no mundo antigo, sufocando e reprimindo todas as culturas que lhe fizessem sombra.

Esta análise é feita a partir de um documento conhecido como Carta de Aristeas a Filócrates, um judeu alexandrino, Aristeas, envia uma carta a seu irmão Filócrates, contando de sua embaixada a Jerusalém, a mando de Ptolomeu II.

As relações de poder na Península Ibérica: Cartagineses, romanos e Iberos

Fabrcio Nascimento de Moura –Graduando - NEA/UERJ

Após a primeira Guerra Púnica, onde sai derrotada Cartago sistematiza seu domínio sobre a região da Península Ibérica. Através do desígnio dos Barca os fenícios subjugarão e cooptaram os povos da região para seu exercito, seguindo o plano de vingança que o pequeno Aníbal fizera aos nove anos de idade contra os romanos. Ao longo deste processo os cartagineses, através de Asdrúbal Barca, concluíram tratado com os romanos, definindo os limites da influencia fenícia na região. Este tratado e a posterior tomada da cidade ibérica de Zacânton por Aníbal se constituirão de grandes discussões diplomáticas que levarão à segunda Guerra Púnica, ou Guerra Anibálica. Assim, este trabalho buscará analisar as bases das relações de poder que se estabeleceram entre romanos, cartagineses e os povos da Península Ibérica no período entre a primeira e a segunda Guerra Púnica.

As Relações de Poder de Roma com o Egito Através do Comércio

Ronald Wilson Marques Rosa - graduando - NEA/UERJ

Pretendemos, neste trabalho, fazer uma análise sobre a política romana dialogando com as relações de poder entre duas sociedades livres, tendo como principal meio de condução o comércio, ou melhor, a atividade mercantil, realizada, principalmente, pelos publicanos. Nesta análise pretendemos não apenas visar os aspectos político e econômico, mas também, analisar os aspectos social e cultural, para tanto, estudamos as atividades de um publicano: Caio Rabirius Postumus, através de um documento, um discurso de Cícero no Senado romano. Através da análise deste documento, encontramos dados relevantes sobre a influência política e econômica romana no Egito e também, ao pesquisarmos sobre as atividades deste personagem, encontramos dados sobre a influência cultural egípcia na sociedade romana. Com isso pretendemos demonstrar que as sociedades da antiguidade não eram sociedades estanques, nas quais só teriam contatos através da guerra e também demonstrar a similitude entre estes contatos, através das relações de poder, com os contatos entre as sociedades na atualidade, através das relações internacionais.

Sessão 7 - Quinta-Feira 08/05 - 14h-15h30 Sala 1

Política e Sociedade na Atenas Clássica: práticas sociais e representações

A Criação de Um Mito Político na Grécia Antiga

Priscila da Silva Maia Bento - graduanda - NEA/UERJ

Um aspecto importante da sociedade grega é o mito, o qual até nos dias atuais desperta interesse. Através da leitura da Obra a Constituição de Atenas de Aristóteles, visamos abordar a criação de um mito político, cujo seria Sólon. Assim visamos demonstrar, como por meio de suas ações o mesmo exaltado pelas suas leis e permaneceu na memória dos atenienses do IV século a. C.

Em suma iremos nessa pesquisa nos indagar sobre à construção desse mito analisando a obra sobre a Constituição de Atenas e analisando os pensamentos de Sólon em seus poemas e comparando o que ele escreveu com a obra de outros autores que abordavam seu arconato, visando compreender melhor este personagem.

O Teatro de Aristófanes: Um Olhar Sobre o *Dêmos*

Profª. Márcia Cristina Lacerda Ribeiro - UNEB

Objetiva-se nesta Comunicação traçar um retrato do *dêmos* ateniense, tendo como principal fonte o teatro de Aristófanes, comediógrafo grego que viveu de aproximadamente 448 a. C. a 380 a. C. Com tal propósito, lançamos mão de cinco das onze peças que chegaram até nós: Os Acarnenses (425 a. C.); Os Cavaleiros (424 a. C.); As Nuvens (423 a. C.); As Vespas (422 a. C.); e A Paz (421 a. C.). Para tanto, num trabalho ainda em estágio inicial, procuramos analisar o discurso aristofânico, que traz em seu bojo um *dêmos* ignorante, incapaz e facilmente manipulável. Seria o próprio gênero cômico que solicitava dos comediógrafos a zombaria e o insulto em relação ao objeto tratado? Estaria embutido no Teatro Aristofânico um discurso de classe? Aristófanes apenas transpôs para o teatro a realidade daquele contexto histórico? Ou ainda, todas estas hipóteses seriam plausíveis? Indagações de difíceis respostas, desafiadoras reflexões e estimulantes pesquisas!

As relações de poder existentes na Atenas do final do século V a. C.

Felipe Nascimento de Araújo - graduando - NEA/UERJ

Pseudo-Xenofonte divide os grupos sociais atenienses em duas categorias: os favorecidos e os desfavorecidos. De um lado encontramos as classes populares como os estrangeiros residentes (*metoikoi*), os pobres (*penetes*), os piores (*ponerói*), os inferiores (*Keirous*) e outros grupos oriundos das massas populares classificados como "aqueles que a democracia representa". Este discurso, claramente de natureza pró-oligarca, situa-se dentro de um período da História de Atenas onde estão presentes numerosas tensões político-sociais resultantes dos anos finais da Guerra do Peloponeso.

Adulterio e cotidiano: Lísias I para além da oposição entre público e privado na Atenas Clássica

Fábio Augusto Morales Soares – mestrando - FFLCH-USP

A partir do discurso “Sobre o assassinato de Eratóstenes” de Lísias, logógrafo e meteco ateniense que produziu diversos discursos no final do século V e início do IV a. C., este trabalho discute as relações entre público, privado e cotidiano na Atenas Clássica, questionando assim as abordagens que tendem a identificar os discursos produzidos pelos cidadãos com a própria realidade vivida ateniense. O discurso trata do desfecho de um adultério: o marido traído (Eufileto), quando descobre a traição, assassina o amante de sua esposa (Eratóstenes) diante de testemunhas, evocando a lei draconiana segundo a qual o assassinato do amante da esposa era direito do marido, se pego em flagrante. As interpretações tradicionais deste discurso tenderam a enfatizar o poder do homem no *oikos* e a submissão e reclusão da mulher diante do casamento; no entanto, é possível uma leitura diferente, que apresentaria, para além das oposições público/privado, uma dimensão da vida ligada à cotidianidade e espacialidade das relações sociais, ampliando assim as possibilidades de análise das relações entre discursos, instituições cívicas e vida cotidiana dos habitantes em Atenas.

Sessão 8 - Quinta-Feira 08/05 - 14h-15h30 Sala 2
--

Império Romano: Estudos sobre Sexualidade e Pensamento

Homoerotismo e poder na Roma antiga: uma análise dos epigramas de Marcial.

Prof. Dr. Paulo César Possamai – UFRN

A sociedade romana foi descrita como bissexual por Pierre Grimal, Jean-Noël Robert, Paul Veyne e Eva Cantarella. Segundo os mesmos historiadores, a moral sexual romana não condenava o homoerotismo, desde que fosse respeitada a *virtus* do homem romano. Veyne fala em “um mundo que não classificava a conduta pelo sexo, mas em ativo e passivo”. Portanto, para o homem romano o que era repreensível era servir de passivo a outro homem, assim como a prática da felação e do cunilíngua.

Tendo como parâmetro as pesquisas dos historiados acima citados, elaboramos um estudo dos epigramas de Marcial, um poeta que viveu seus melhores momentos na Roma de Domiciano. Seus epigramas retratam vários aspectos da vida cotidiana dos antigos romanos: os espetáculos na arena, demonstrações de afeto e de amor, reflexões sobre a vida e sobre a morte e, sobretudo, referências à sexualidade. Através da análise dos epigramas que têm como tema o homoerotismo, buscaremos a visão do autor sobre este tema.

**Poder, Sexualidade e Representação na política imperial
de Marco Úlpio Nerva Trajano.**

Américo Henrique Marquez do Couto – mestrando -UFG

Marco Úlpio Nerva Trajano nasceu em Itálica (Santiponce), na Bética, no sul da Hispania, no ano 53, sendo Imperador de 98 a 117. Sob seu reinado o Império Romano atingiu sua máxima extensão. É considerado por muitos romanos da época como o maior dos Imperadores (*Optimus Princeps*). É diante desta constatação que apresentaremos elementos de contextualização de Poder e de aspectos da Sexualidade deste importante governante romano a partir de uma série de fontes documentais tais como: o *Panegírico a Trajano* de Plínio, o Jovem, a *Historia Romana* de Dion Cássio, o *Breviário* de Flávio Eutrópio e o *Livro dos Césares* de Aurélio Victor. Assim, vislumbramos que este governante exerceu um dos papéis mais importantes do poder político romano se destacando junto à política imperial de expansão territorial e impondo-se socialmente dentro de contextos da vida privada presentes no Império e na Dinastia dos Antoninos da qual pertenceu.

**Cartas Consolatórias de Lúcio Aneu Sêneca e a moral estóica romana
no século I d. C.**

Fabício Dias Gusmão Di Mesquita - graduado - UFG

As cartas consolatórias de Lúcio Aneu Sêneca são importantes fontes históricas para o estudo do conceito da moral estóica presente no mundo romano durante o século I d. C. A filosofia estóica buscava direcionar o homem a alcançar uma vida virtuosa utilizando a própria razão, elemento constitutivo do Cosmos e do pensamento humano. A consolação senequiana é um discurso persuasivo que buscava orientar o homem a superar suas dores internas e os infortúnios da vida produzidos pelas catástrofes do destino. A moral estóica é exemplificada por Sêneca em suas cartas através da vida de vários personagens da história romana que conseguiram superar a dor utilizando a própria razão. O debate que propomos visa desta forma apresentar o conjunto de fatores que configuraram a moral estóica na escrita senequiana.

Entre Enéadas e mistérios: a jornada da alma nas obras de Plotino e Jâmblico

Ivan Vieira Neto – graduando -UFG

Tema central de uma das Enéadas de Plotino, a dialética configura-se como o mais nobre dos conhecimentos da Filosofia, capaz de categorizar os elementos e apresentar através de mecanismos lógicos uma separação entre o Mundo Sensível e o Mundo Inteligível, guiando o filósofo ao entendimento pleno da Verdade platônica e à prática das virtudes que propiciam o desenvolvimento da moral que conduz o homem ao encontro com o Primeiro Princípio. Enquanto na obra *Sobre os Mistérios Egípcios*, de Jâmblico de Cálcis, esse encontro é muito mais místico e possibilitado não apenas pela

moral, mas também pela Teurgia, apresentada como o mecanismo ritual prático de purificação da alma, através do qual o filósofo (*teurgo*) prepara-se para adentrar o Mundo das Idéias e participar com os seres superiores dessa instância da Existência e da manutenção da Ordem do Mundo, que é o próprio Primeiro Bem.

Nessa comunicação pretendemos explorar e analisar as idéias neoplatônicas do Uno (ou Bem), da Inteligência (ou *Nous*) e das práticas que conduzem a Alma à purificação e aos caminhos da imutabilidade em sua busca pelo conhecimento da Verdade e do Primeiro Princípio.

Sessão 9 - Quinta-feira 08/05 - 14h-15h30 Sala 3
--

Cristianismo e Judaísmo no Mundo Antigo e Medieval

O mosaico religioso, o paleocristianismo e a resistência judaica ao poder romano no século I

Prof^a. Caterine Henriques Mendes – graduada - UFPel

Esse trabalho tem como objetivo analisar a figura do Jesus histórico inserido no mosaico de seitas judaicas que permeavam a sociedade dominada da Palestina e Galiléia na época de Jesus. O Judaísmo Antigo, especialmente no século I. d. C. pode ser entendido, antes de tudo, como um mosaico com suas diferentes percepções religiosas e o que consequentemente se denomina de Paleocristianismo deve ser aqui entendido como uma das muitas pedras constituintes deste mosaico. Este movimento afirmava, entre outras coisas, que o messias havia chegado na figura de Jesus de Nazaré, mas devemos analisá-lo enquadrado num contexto mais amplo de manifestações judaicas, algumas delas com um forte conteúdo de crítica social tanto interna como anti-romana.

Catacumbas Romanas; Relações de poder no rito funerário cristão

Alinne Pereira da Costa – graduanda - NEA/UERJ

Esta comunicação irá retratar o cristianismo em Roma no século II d. C, com o enfoque na análise das Catacumbas Cristãs, da Via Ápia, e através de suas inscrições, arquitetura e localização geográfica, confrontar duas categorias sociais: romanos e cristãos. Pois, com todos estes fatores encontramos convergência nas relações de poder presentes neste período. Estas relações de poder intrínsecas se dão tanto no aspecto da vida e da morte nesta sociedade.

Devido a este objetivo, compreender a composição social do cristianismo, através da discussão historiográfica, nos ajudará a perceber também o tratamento do corpo dado aos agentes sociais citados.

O próprio local do cemitério subterrâneo já denota, uma singularidade a ser explorada, porque não se encontra dentro dos limites da urbe romana e sim numa Via de Acesso. O fato dos cristãos terem um cemitério separado dos romanos, e mesmo entre

esse grupo haver formas arquitetônicas diferenciadas nas sepulturas será estudado nesta pesquisa.

Da cristianização da Irlanda ao nascimento do Purgatório:

Patrício, a construção da imagem de um santo.

Dominique Vieira Coelho dos Santos- doutorando - UFG

Há dois grupos de representações bem distintos acerca de Patrício. O primeiro é o derivado de suas obras, que datam do século V, em que ele aparece sempre diminuto e pecador; o segundo é posterior ao século VII, sobretudo a partir da obra de Muirchu, em que podemos perceber um Patrício grandioso e cheio de poder. A imagem de Patrício como o Santo Padroeiro dos irlandeses foi construída a partir destes dois grupos. Todavia, a historiografia irlandesa, em linhas gerais caracterizou este segundo conjunto de representações como “meras ficções”. O objetivo desta comunicação é apresentar algumas reflexões iniciais sobre a construção da imagem de São Patrício questionando esta marca pejorativa. Assim sendo, tentamos perceber quais são as questões envolvidas nesta problemática, quais os lugares de enunciação dos discursos presentes nos documentos relacionados ao tema e como é o diálogo estabelecido pela historiografia irlandesa acerca destes dois modelos interpretativos etc.

Sessão 10 - Quinta-Feira 08/05 - 14h-15h30 Sala 4

Historiografia Antiga II

Edificações do período Severiano na obra de

Dion Cássius (séc. I e II d. C)

Danielle do Carmo - graduanda -UFG

Esta comunicação tem por objetivo apresentar um estudo das edificações do período Severiano. Para isso, utilizaremos à obra *Dio's Roman History*, escrita pelo senador Dion Cássio, contemporâneo de Septímio Severo. Analisaremos as diversas funções dessas edificações, focando a função memorial e de representação de poder.

“Erotika”: diálogo sobre a moral sexual no século I d. C.

Helton Gomes Chaves graduando - UFG

Esta comunicação tem como objetivo analisar como o filósofo e moralista Plutarco estabeleceu relações entre o amor e o prazer no contexto do século I d. C. Relacionaremos a moral plutarquiana com as práticas do amor e da sexualidade vividos no Império Romano e das suas representações sociais e morais. A partir dessa análise, pretendemos entender como o cidadão romano observava e concebia o prazer amoroso entre homens e suas normas morais e sociais acerca da virilidade e da relação de poder nas práticas do amor masculino naquele contexto histórico.

As Conjurações Palacianas no Governo de Cômodo: Uma Análise da Obra de Herodiano (Séc. III d. C.).

Jamine de Almeida Geraldino Melo - graduanda -UFG

A presente comunicação tem por objetivo analisar as três conjurações palacianas ocorridas durante o governo de Cômodo, tendo a última alcançado o seu objetivo, ou seja, a supressão do então Imperador, filho de Marco Aurélio. Para tanto, basear-nos-emos na análise da obra *História do Império Romano Depois de Marco Aurélio*, escrita por Herodiano no III século d. C. .

As Formações Dinásticas na História Augusta: uma Análise dos Processos de Sucessão dos Imperadores Romanos (IV Século d. C.).

Wanessa Batista Freire - graduanda-UFG.

Com base na análise da *História Augusta*, obra pagã construída no IV século d. C. , apresentada como um conjunto de biografias imperiais denominadas Vitae, propomos refletir sobre os mecanismos utilizados nos processos de sucessão imperial, no que concerne à formação das dinastias no Alto Império Romano, com ênfase no período severiano e suas respectivas biografias.

Sessão 11 - Sexta-Feira 09/05 - 14h-15h30 Auditório ICH

Religiosidades no Mundo Antigo e Medieval: diferentes culturas, diferentes enfoques.

Arte e poder na revolução religiosa promovida pelo faraó Akhenaton (1353-1336 a. C.) no Antigo Egito.

Prof. Sérgio Ricardo Fracalanza Muzy - graduado-UFPel

O presente artigo visa demonstrar a relação direta, precisa e coordenada entre o poder e a arte que foi efetivada pelo faraó Akhenaton (1353-1336 a. C.) no Novo Império do Antigo Egito.

O faraó Akhenaton promoveu a mais profunda reforma religiosa do Antigo Egito, mudando todos os cânones tradicionais religiosos que vigoravam desde os princípios da era dinástica, e isto em um curto período de tempo, apenas dezessete anos, provocando uma experiência ímpar e exclusiva, levando o Egito e seu povo ao encontro de um deus único, o deus da Luz, da Verdade, da Ordem e da Justiça, o deus Aton.

Não obstante, o faraó Akhenaton também promoveu uma verdadeira reforma na arte egípcia modificando vários cânones tradicionais, desde a alteração da construção das figuras na altura, a construção circular do espaço, a mudança nas representações se aproximando muito da perspectiva, a evidente utilização de formas arredondadas, os

traços alongados e andróginos (características conceituais puramente religiosas), as representações de afeto público, etc.

Concluindo, este artigo se utilizará de intensa análise iconográfica para tentar elucidar os constantes imbricamentos entre a nova religião, a arte e o poder político do faraó.

Práticas Religiosas de legitimação do Poder no Egito Faraônico, no Egito Ptolomaico e no período de dominação Romana.

Carlos Eduardo da Costa Campos - graduando - NEA-UERJ

Visamos aqui demonstrar que as práticas religiosas no Egito antigo durante os períodos: Faraônico, Ptolomaico e Romano parecem apresentar diferenciações nos seus rituais durante o passar dos tempos. Através dessa análise visamos argumentar como determinadas práticas, as quais poderiam servir de bases de legitimação para o poder do monarca, visto que deveriam envolver a sociedade sendo realizadas na parte exterior aos templos. Como exemplo desta prática havia o Festival – Sed efetuado no Egito Faraônico. Com o tempo vemos que certas práticas podem ter sido apropriadas pelos Ptolomaicos para legitimarem o seu poder real e o que temos por hipótese é uma possível interiorização nos templos de tais formas de legitimação do poder quando ocorreu o período de dominação Romana, possivelmente assim evitando conflitos entre Roma e o Egito. Além disto, vamos refletir sobre as implicações dessas práticas religiosas e suas conseqüências.

Uma análise das representações religiosas na obra A vida de Apolônio de Tiana de Filostrato.

Rayane Helena Araújo Mendes de Carvalho - graduanda - UFG

Procuraremos analisar nesta comunicação os aspectos religiosos presentes na obra de Filostrato, *A Vida de Apolônio de Tiana*. Filostrato foi um filósofo da corte do Imperador Romano Septímio Severo, que integrou o círculo de intelectuais formado pela Imperatriz Julia Domna. Nosso objetivo é compreender como os fatos místico-religiosos retratados pelo autor, em torno da biografia de Apolônio, concorrem para que se conheçam melhor os traços de religiosidade que marcaram a sociedade romana na passagem do II para o III século d. C.

Em busca da religião chinesa através de uma obra literária

Daniel da Silva Añaña - graduando - UFPel

Este trabalho visa analisar a religião chinesa durante a segunda metade de século XVI através de um famoso romance produzido nesta época: *Jornada ao Ocidente*. Costuma-se classificar a religião chinesa em termos de três religiões bem definidas às quais se soma uma última um tanto mais difícil de classificar: o confucionismo, o daoísmo, o budismo e, por último, a chamada “religião popular”. Cada

uma das três primeiras religiões é definida por um clero, um cânon (escrituras sagradas) e uma liturgia, elementos que faltam à religião popular. A religiosidade chinesa é extremamente complexa, convivendo nela práticas e crenças de diferentes origens e naturezas sem que isso necessariamente gere conflito. Será através do Romance *Jornada ao Ocidente* que buscarei analisar como se revela a complexidade da religiosidade chinesa, não apenas na visão de seu autor enquanto indivíduo, mas como membro de uma sociedade e de uma classe específica. A obra foi publicada em 1590 durante a dinastia Ming e é atribuída a Wu Chengen. O romance narra a viagem do monge budista Xuan Zang e seus três discípulos em direção à Índia em busca de escrituras sagradas para trazer à China. Esta obra é considerada importante fonte para o assunto a ser tratado devido às inúmeras referências que ela faz às crenças e práticas religiosas chinesas.

Sessão 12 - Sexta-Feira 09/05 - 14h-15h30 Sala 1
--

Cristianismo: sexualidade e gênero

O celibato dos essênios de Qumran: negação da sexualidade e identidade

Aline Cristine de Oliveira Duarte - mestranda- UMESP

Esta comunicação tem por objetivo analisar a insistência na pureza sexual nas prescrições legais dos Manuscritos do Mar Morto e a norma da abstinência nos escritos reconhecidamente sectários de Qumran (como CD, IQS) como uma forma de definir identidade religiosa por meio de prescrições referentes à sexualidade. Ao buscarmos compreender esta postura examinaremos a hipótese de que os essênios propunham a abstinência sexual como uma forma de imitação dos anjos, de alcançarem um estágio de pureza ritual que lhes permitisse compartilhar a proximidade cúltica com o sagrado. O objetivo deles, portanto, era alcançar um estágio sublimado de pureza, de modo que se tornassem como os anjos, conhecedores dos mistérios ocultos entre os céus e a terra.

Entre textos e amuletos: papiros mágicos gregos e a recepção de textos bíblicos

Carlos Guilherme Fagundes da Silva Magajewski - mestrando -UMESP

A comunicação pretende explorar alguns papiros mágicos gregos que recebem textos bíblicos na forma de citação direta ou alusão indireta. Fará parte da análise dos mesmos a maneira que o texto bíblico é re-criado em um novo contexto. Prestar-se-á atenção aos possíveis mecanismos que regem a apropriação de textos bíblicos de forma considerada mágica. Com isso, espera-se avançar para uma melhor compreensão das complexidades que envolvem as comunidades cristãs primitivas no contexto do sincretismo religioso mediterrâneo da Antiguidade, em suas múltiplas interações culturais.

**Pureza sexual em uma carta do apóstolo Paulo:
uma análise a partir de 1º Coríntios 7, 1b-5**

Carlos César Borges Nunes de Souza - mestrando - UMESP

As prescrições apostólicas contidas neste trecho da carta de Paulo aos cristãos da igreja em Corinto, além de sofrerem a influência da cultura judaica, têm íntima ligação com o *ethos* cultural do Império Romano. Estas duas tradições culturais têm rígidos modelos de relação conjugal moldados pelo moralismo sexual e pelo poder patriarcal. Sendo assim, propomos uma análise deste trecho da carta apostólica à luz destas duas influências culturais desejando realizar uma leitura crítica das prescrições paulinas.

Medo de Mulher: A relação de poder pela sexualidade no Mito dos Vigilantes e sua influencia no Cristianismo Primitivo

Kenner Roger Cazotto Terra - UMESP

É perigo tratarmos a história do Cristianismo das origens de maneira generalizante, com afirmações que escondem sua identidade fluida e realidade complexa, especialmente em relação ao tema sexualidade, pois criaremos caricaturas. Partindo do pressuposto da pluralidade do cristianismo das origens, observaremos a literatura cristã antiga que apresenta de forma negativa a sexualidade e a mulher, como se fosse algo exótico, perigoso e demoníaco. Por causa da íntima relação do cristianismo e o Ocidente ainda temos essas imagens permeando as relações sociais. O presente trabalho analisará o *mito dos vigilantes* (2º século a. E. C), testemunhado na tradição de Enoc (Enoc etíope), muito conhecido na tradição judaico cristã, para compreender nele o papel da mulher e da sexualidade, perguntando por sua influência na literatura do Cristianismo antigo. A hipótese é de que a linguagem e as imagens presentes nesse mito contribuíssem para construção da idéia perigosa da mulher e da sexualidade em alguns grupos cristãos do cristianismo primitivo.

Presença e protagonismo de mulheres no Cristianismo primitivo.

José Luiz Izidoro - doutorando - UMESP

Encontramos muitas mulheres na liderança das comunidades cristãs, narrado em Atos dos Apóstolos e nas cartas paulinas.

Na dinâmica e fluidez do *status*, no mundo greco-romano, encontramos as mulheres tentando melhorar sua vida e posição social. Para alcançar o *status* de livre a mulher, considerada liberta, se submetia ao casamento com seu próprio patrão; porém, de acordo a Eduardo Arens, “no Oriente, graças ao espírito mais humano e democrático de raízes gregas, a mulher era muito mais considerada e valorizada como verdadeira companheira e apoio. No entanto, sua posição social dependia de seu nascimento e de sua família”, uma vez que a mulher estava muito mais ligada ao contexto da *casa* e das

atribuições que o espaço familiar lhe conferia; dentro de um modelo hierárquico de família.

Tudo isso demarcava o espaço familiar e social e estava impregnado nas leis, costumes e tradição do povo. Assim, encontramos mulheres nos grupos cristãos primitivos protagonizando ações de relevância no contexto de edificação e difusão do Cristianismo.

Sessão 13 - Sexta-Feira 09/05 - 14h-15h30 Sala 2
--

Tradição e releituras da Antiguidade

Ovídio na Inglaterra Vitoriana: Uma referência não assumida

Renata Cerqueira Barbosa - doutoranda - Unesp/Assis - Bolsa: Fapesp

Sabemos que a construção do passado nunca foi uma atividade imparcial. Roma teve um lugar especial na definição da História e do pensamento europeu. Sua capacidade de prover imagens múltiplas, mutáveis e conflituosas foi quase ilimitada; isto a tornou uma fonte rica para dar sentido - e para desestabilizar - a História, a política, a identidade, a memória e o desejo. No caso, é a este último que voltaremos nossa atenção. Muitos autores romanos clássicos foram lidos durante os séculos XVI ao XIX para dar legitimidade a uma possível herança imperial romana aos britânicos. E as questões relacionadas à sexualidade e ao amor dos romanos, como foram interpretadas pelos vitorianos? Neste caso, analisaremos um poeta latino do século I d. C. que muita repercussão teve tanto no seu momento histórico, quanto para os que o leram a *posteriori*. Trata-se de Ovídio, uma referência não assumida entre os vitorianos, justamente pelo fato do século XIX estar marcado por uma necessidade de controle da conduta sexual. A literatura vitoriana se caracteriza em parte pela produção de romances e biografias moralizantes, fato este que exclui Ovídio do modelo de um herói que deveria ser exaltado.

Partos e germanos em “Os Sertões” de Euclides da Cunha

Rafael Vicente Kunst – graduando- UFRGS

A Guerra de Canudos, segundo Euclides da Cunha, não foi apenas um conflito entre o Exército e os “conselheiristas” – foi mais uma das lutas históricas entre bárbaros e civilizados. Ao longo de “*Os Sertões*” o autor elabora diversas comparações entre seu objeto de estudo e elementos da história antiga de Roma. Em diversos momentos jagunços são comparados aos bárbaros que lutaram contra os romanos – seus hábitos, suas táticas de luta, suas relações e conseqüências no “mundo civilizado”.

O objetivo desta pesquisa é mapear e analisar as referências que Euclides da Cunha faz a duas batalhas importantes para a história romana: Carrhae e Teutoburgo. Sendo assim, analiso a obra “*Os Sertões*” investigando o modo, as motivações e as implicações da utilização dessas analogias feitas pelo autor para descrever a sociedade sertaneja, as batalhas da Guerra de Canudos e as conseqüências dessa para a política brasileira. Como fontes do período romano, analiso as obras de V. Paterculus, C. Tacitus e Dio Cassius, pois apresentam relatos importantes sobre as duas batalhas em questão. Esse

trabalho iniciou com a participação na pesquisa “*Sertões trágicos: Euclides da Cunha e a herança clássica*” e resultará em um projeto de mestrado.

**A história de Roma na ótica do roleplaying game.
Uma análise sobre o Generic Universal RolePlaying Sistem Império Romano.**

Prof. Especialista Maurício Fonseca da Paz – CEFET-RS

O presente trabalho se trata de uma análise acerca da narrativa do livro de suplemento para roleplaying games: GURPS Império Romano. Na tentativa de abordar a forma de construção desta narrativa, bem como dos modelos históricos utilizados para a construção do cenário de jogo. Trata-se de uma investigação historiográfica a respeito do processo de formação de um material descritivo e gerativo para um exercício de roleplay. A análise desta construção é observada sob a ótica da matriz disciplinar de Jörn Rüsen em sua obra *Razão Histórica*.

Em busca das origens: representações dos germanos na propaganda nacional-socialista do Blumenauer Volkskalender (1933-1938)

Imgart Grützmann - mestranda - UFPel

No nacional-socialismo, a busca de um mito de origem étnica concentrou-se em torno dos germanos, considerados os antepassados dos alemães, cujos vestígios foram incorporados, neste ideário, à construção e à afirmação da ancestralidade, da pureza e da superioridade do povo alemão. Na presente comunicação, pretende-se analisar as representações dos germanos que foram instrumentalizadas pelos editores do *Blumenauer Volkskalender*, almanaque em língua alemã editado em Blumenau/SC, em sua propaganda do nacional-socialismo no Brasil nos anos de 1933 a 1938.

Sessão 14 - Sexta-Feira 09/05 - 14h-15h30 Sala 3
--

Historiografia Antiga III

Uma história das religiões em Lactânio? – Reflexões sobre as Instituições Divinas

Diogo Pereira da Silva - mestrando - LHIA/PPGHC/UFRJ

O propósito desta comunicação é discutir alguns elementos que caracterizam aquilo que podemos perceber como um olhar de “historiador das religiões” em Lactânio (c. 260-c. 320). Em especial, buscamos mostrar que este autor desenvolveu sua argumentação em *Instituições Divinas* baseado em um sentido e História, e numa teoria sobre o desenvolvimento religioso da Humanidade.

Ecoss de uma tradição:

Usos e desusos da idéia de decadência na obra de Flavius Vegetius Renatus

Marcello Paniz Giacomoni - graduando - UFRGS

Esta comunicação tem por base uma obra de *Flavius Vegetius Renatus*, que em fins do século IV escreve o tratado militar *Epitome rei militaris*, de base histórica, sobre a antiga milícia romana.

Escrevendo em um período percebido pelo próprio autor como de decadência, Vegetius seleciona no “passado glorioso” romano uma série de elementos, cronologicamente discordantes, para compor um arquétipo de exército que visa, com a implementação deste modelo, breçar o processo de declínio vivido pelo Império Romano.

O meu objetivo é analisar a obra a partir do modelo de historiografia greco-romano (*magistra vitae*), percebendo como a mesma dialoga com elementos da tradição romana para reagir ao processo de decadência.

Para além, tento perceber como a própria lógica de decadência, presente na tradição romana, é utilizada de maneira a distorcer os motivos da obra. Visando também apreender a operabilidade prática dos conceitos, sobre essa tríade é analisado um modelo de soldado ideal, base da futura restauração do exército.

Amiano Marcelino: uma pequena reavaliação

Gabriel Requia Gabbardo – mestrando- UFRGS

“It is not without the most sincere regret, that I must now take leave of an accurate and faithful guide, who has composed the history of his own times, without indulging the prejudices and passions, which usually affect the mind of a contemporary”. Assim é que Edward Gibbon se despede e julga o trabalho de Amiano Marcelino, historiador romano do século IV. Este juízo tremendamente positivo acerca da *Res Gestae* de Amiano prevaleceu por quase dois séculos. Nos últimos 30 anos, Amiano Marcelino se viu alvo de um escrutínio mais cuidadoso, que põe em questão muitos dos lugares-comuns acerca deste autor. O intuito desta apresentação é discutir o papel que podemos atribuir a Amiano Marcelino como fonte, confrontando o juízo de Gibbon sobre este com os novos desenvolvimentos acadêmicos sobre a Antiguidade Tardia.

Sessão 15 - Sexta-Feira 09/05 - 14h-15h30 Sala 4
--

Poder, Legitimação e discurso na Roma Antiga.

**Relendo Cícero:
a construção do Orador e sua inserção na Política Romana (Séc. I a. C.)**

Prof. Cássio Rodrigo Paula Silveira - Mestrando - UFG

O objetivo de nossa comunicação é a apresentação do orador idealizado por Cícero, como a síntese das principais discussões no campo retórico. Ele reúne, em si, não só elementos teóricos ligados à técnica da argumentação como elementos da tradição, presentes no passado romano. Estes elementos dão singularidade e autoridade ao discurso do orador. Assim, na basta conhecer e dominar as técnicas argumentativas é necessário ser um exemplo daquilo que se fala: encarnar o conteúdo do discurso e respeitar o costume dos antepassados. O Orador ciceroniano é, antes de tudo, um Homem Político comprometido com seus pares e com Res pública. É a prática política que confere status empírico ao Orador Romano.

**Notas para uma análise dos discursos de Tito Lívio referentes
ao poder de César Augusto**

Marco Antonio Correa Collares – mestrando -UNESP/Franca - CNPq - Brasil

Na presente comunicação procuramos refletir sobre a viabilidade de realizar uma análise dos discursos inscritos na obra *Ab Urb Condita*, de Tito Lívio, mais particularmente aqueles relacionados ao poder de César Augusto. Para tal fim, faremos dois movimentos distintos, mas interligados. Primeiramente, executaremos a revisão historiográfica de alguns estudiosos especializados na narrativa liviana que procuraram tecer considerações sobre possíveis vinculações entre o autor romano com o Imperador, entre os quais, Ronald Syme, Hans Petersen e P. G. Walsh. Em seguida, tentaremos demonstrar que as leituras tradicionais presentes em tal história das idéias, apesar de suas importantes contribuições para o entendimento da relação de Lívio com o poder oficial, acabaram construindo um autor (Tito Lívio), um sentido ontológico (uma intenção de vínculo entre Lívio e Augusto), bem como um conteúdo primordial (a riqueza da narrativa liviana). Em nossa opinião, para além da busca de quaisquer significantes primordiais inscritos no texto de Lívio que o vincule ao *Princeps*, é preciso observar, seguindo os princípios teóricos esboçados por Michel Foucault, as descontinuidades presentes nos enunciados livianos, bem como os mecanismos de exclusão e rarefação dos temas aleatórios que incidiram sobre os mesmos.

Representações de um soberano: escrita e poder no império de Constantino

Rosane Dias de Alencar - doutoranda - UFG

Sempre presente na história do Império, os discursos que constroem representações se constituem instrumento de que lançaram mão os soberanos do século IVd. C. A instabilidade política expressa nas lutas pela púrpura muitas vezes desembocaram no poder usurpado, neste contexto, ganhou força a escrita apologética, orientada para a construções de realidades que legitimassem o poder e a autoridade do

governante. Constantino, Imperador de 306 d. C a 336 d. C, compõe esse quadro; usurpador, agregou em torno de si forças sociais e apoio que o mantiveram no poder por trinta e um anos, sete dos quais isolado à frente do Império. Para esse fim, a escrita cumpriu importante papel na medida em que legitimava as ações deste Príncipe construindo representações que o tornavam um Imperador virtuoso. Neste sentido, a relação entre escrita e poder no Império de Constantino se tornam objeto de reflexão desta comunicação.

O processo de legitimação de Constantino a partir da produção panegirista no séc. IV d. C. : o discurso de 310

Ana Paula Franchi - mestranda - UFPR

Este trabalho tem o objetivo de analisar o processo de legitimação do imperador Constantino no século IV d. C, a partir do discurso panegírico pronunciado em sua honra, no ano de 310 de autoria anônima. O período estudado é entendido como Antiguidade Tardia, concebido como uma outra antiguidade, que apresenta o surgimento de novas concepções político-ideológicas reconfigurando as bases imperiais rumo ao Dominato. A instabilidade do poder no período da Anarquia Militar (235-284) possibilitou o estabelecimento da Tetrarquia (como uma tentativa em se conter as disputas pelo poder imperial) pelo imperador Diocleciano, onde a organização do Império se fundamentou na divisão do poder entre dois Augustos (Diocleciano e Maximiano) e dois Césares (Galério e Constâncio Cloro), responsáveis pela defesa e administração de uma parcela do território imperial. Com a morte de Constâncio Cloro em 306, Constantino (seu filho) reclama para si o poder imperial, sendo aclamado Augusto por suas tropas, o que possibilita o reaparecimento das disputas em torno do poder. Desta forma, tornou-se necessário que Constantino iniciasse um processo de afirmação de sua monarquia. Dentro deste processo de legitimação, um importante instrumento utilizado por Constantino foi o discurso Panegírico, amplamente utilizado no século IV como instrumentos de promoção política e ideológica.

Sessão 16 - Sexta-Feira 09/05 - 14h-14h30 Sala 5

Aspectos da Antiguidade no debate historiográfico moderno: sociedade e pensamento

Uma disciplina sob ataque: o conhecimento histórico e as ameaças céticas

Prof. Dr. Anderson Zalewski Vargas - UFRGS

Na Antiguidade - por conta de suas restrições aos dogmatismos afirmadores do conhecimento indubitável, e de suas conseqüentes proposições quanto ao conhecimento e à existência - o ceticismo foi alvo de ira, sarcasmo e zombarias. Em discussões contemporâneas sobre epistemologia histórica, o ceticismo surge, frequentemente, como ameaçador inimigo. A comunicação apresentará uma análise dessas avaliações tendo

como contraponto as críticas ao ceticismo antigo, pirrônico e acadêmico, procurando definir continuidades e deslocamentos de sentido do que parece ser um tradicional debate epistemológico.

Cidadãos e habitantes: apontamentos para uma dialética da polis ateniense

Fábio Augusto Morales Soares - FFLCH-USP

Este trabalho se propõe a repensar as concepções de polis presentes na historiografia sobre Atenas, no sentido de superar o conceito de “polis” como “comunidade dos cidadãos” para assim dar conta das relações sociais entre os “habitantes (cidadãos ou não) da polis”: a estratégia desenvolvida é pensar as relações entre a polis - institucional (a assembléia, os tribunais, as leis, etc) e a sociedade ateniense como um todo em suas contradições (homens/mulheres, livres/escravos, atenienses/estrangeiros, adultos/crianças, ricos/pobres etc). Sugere-se, como possibilidade de se pensar estas relações, que o conceito marxista de fetichismo/fetichização (abstraindo as especificidades do conceito quando presente na análise da forma “mercadoria” inserida no capitalismo) é uma ferramenta interessante para a rediscussão dos modelos tradicionais de *polis* e para a proposição de um modelo alternativo, assim como para uma reflexão mais ampla sobre a política e o cotidiano.



PAINÉIS

PAINÉIS

Quinta-Feira 08/05 - 17h30 -18h30 Sala 1

**A fronteira oriental do mundo helenístico:
ambiente construído e sociedade nas cidades gregas da região bactro-gandhariana**
Dr^a. Cibele Elisa Viegas Aldrovandi PG - MAE/USP

O trabalho apresenta o desenvolvimento da pesquisa realizada na região bactro-gandhariana cujo objetivo é verificar e compreender, a partir do ambiente construído, as formas de interação ocorridas entre as colônias gregas e as demais sociedades existentes nessa área geográfica. Essa região sediada na confluência das rotas que interligavam o Oriente e o Ocidente constitui, espacialmente, a fronteira oriental do mundo grego e, temporalmente, marca o final do período Helenístico, época em que a pólis grega havia atingido sua última fase de desenvolvimento e cujo exemplo mais célebre é a cidade de Ai-Khanum na Bactria oriental. O levantamento sistemático das fontes arqueológicas e textuais sobre a organização do espaço nessa região vem permitindo elaborar um quadro interpretativo capaz de revelar os traços comuns, as especificidades e idiosincrasias que as cidades greco-bactrianas e indo-gregas apresentaram em relação à sua forma de organização social, política, econômica e ideológica. (Projeto vinculado ao Laboratório de estudos sobre a cidade antiga - LABECA - apoio FAPESP e MAE/USP)

Olímpia e os olímpieia:
a origem e difusão do culto de Zeus Olímpico na Grécia dos séculos VI e V a. C.
Lílian de Angelo Laky –mestranda - MAE/USP

Esta pesquisa tem como objetivo estudar os templos dedicados a Zeus Olímpico, chamados de *Olympièia*, construídos entre os séculos VI e V a. C, época arcaica e clássica. Nossa intenção é compreender em que medida o santuário de Olímpia na Grécia continental foi responsável pela origem e difusão do culto de Zeus Olímpico no restante do mundo grego. É nossa intenção também compreender o caráter assumido por este culto nas várias partes do mundo grego. Interessa-nos, sobretudo aprofundar o estudo das relações deste culto com o poder político em época arcaica e clássica no que diz respeito principalmente à sua eventual manipulação política. Para tanto, realizaremos um levantamento das cidades que consagraram templos a esta divindade a fim de mapearmos o seu culto e, trabalhando os dados arqueológicos contextualizados em associação com as fontes textuais, pretendemos discutir temas como: 1-) a utilização do epíteto *Olympios* e do nome *Olympièion*; 2-) a configuração espacial dos santuários de Zeus Olímpico e a relação do espaço sagrado com a sociedade; 3-) a relação entre o culto e o governo tirânico; 4-) e o papel do culto na construção da identidade grega.

(Projeto vinculado ao Laboratório de estudos sobre a cidade antiga - LABECA - apoio FAPESP e MAE/USP)

**A contribuição das colônias ocidentais na construção da identidade poliade:
subsídios do uso e da organização do espaço**

Prof^a. Dr^a. Maria Beatriz Borba Florenzano –MAE/USP

O objetivo desta pesquisa é aprofundar o estudo sobre a *ágora* grega, identificando os elementos das *ágorai* das colônias do Ocidente que representaram uma contribuição à formatação do que Martin e outros reconhecem como a *ágora* tipicamente helênica. Pretendemos completar o estudo que já realizamos sobre as funções econômicas da *ágora* na Grécia Antiga, trazendo elementos que mostrem a diversificação e/ou sobreposição das funções em um mesmo espaço e em que medida a materialização dessas funções encontraram soluções próprias no Ocidente que mais tarde se incorporaram ao arsenal de traços tipicamente helênicos. É certo que os colonos tiveram de enfrentar uma série de situações não colocadas para suas metrópoles, como a própria definição dos limites urbanos e do território. Pretendemos elucidar em que medida as respostas a estes problemas expressaram-se nas *ágorai* ocidentais, gerando soluções que se incorporarão com originalidade aos traços que distinguiram a helenidade desde a Antiguidade.

**Cidades gregas e a água: estudo comparativo entre sistemas de captação e dispensa
nas póleis de Metaponto e Posidônia**

Maria Elisabeth Mesquita - mestranda - MAE/USP

O objetivo deste estudo é avaliar as semelhanças e diferenças entre os sistemas de manejo de água utilizados pelos gregos nestas duas póleis. Procura-se, assim, melhorar a compreensão daquele que é considerado um dos critérios orientadores da escolha do local de assentamento de novas colônias, e definidor de certas características na urbanização realizada pelos gregos. O período estudado se estende entre os séculos VIII e IV a. C. , abarcando, portanto, desde a fundação destes núcleos populacionais até o início da queda da influência grega nesta região da Magna Grécia. O ponto de partida desse estudo é a importância em procurar entender como as soluções dadas pelos gregos colonizadores destas duas póleis (no que diz respeito à utilização cotidiana da água em suas três formas: potável, sub-potável e imprópria para uso humano), vieram a influenciar o planejamento urbano e implantação destas cidades. (Projeto vinculado ao Laboratório de estudos sobre a cidade antiga - LABECA - apoio FAPESP e MAE/USP)

**Desenvolvimento do esquema decorativo das salas do trono do Período Neo-Assírio
(934-609 a. C.)**

Philippe Racy Takla - mestrando - MAE/USP

Este projeto tem por objetivo analisar a evolução do esquema decorativo das salas do trono dos palácios neo-assírios (Período Neo-Assírio: 934-609 a. C.), considerando que este esquema é uma síntese da imagem e texto inseridos em um contexto arquitetural. A partir daí pretendemos discutir questões sobre imagem, texto e espaço como veículos da retórica real. Partimos do pressuposto que o esquema decorativo (relevos narrativos e apotropaicos, textos escritos nos relevos, e a sua distribuição espacial dentro da sala) expresso nas salas dos tronos, foi conscientemente escolhido com o intuito de se tornar um instrumento eficaz de divulgação de projetos políticos a uma audiência heterogênea, que freqüentava a sala do trono do palácio. Desta forma este trabalho visa demonstrar que a evolução do esquema decorativo reflete a transformação da política imperial e das fronteiras do império. (Projeto vinculado ao Laboratório de estudos sobre a cidade antiga - LABECA - apoio FAPESP e MAE/USP)

Considerações sobre a permanência de formas clássicas em igrejas paleo-cristãs

Ms. Regina Helena Rezende - MAE/USP

Apresentamos aqui de que maneira as formas arquitetônicas greco-romanas, ditas clássicas, podem ser identificadas nas primeiras igrejas cristãs. Concentramos nossas pesquisas em uma fase inicial do estabelecimento de igrejas na região da Palestina, entre a primeira metade do séc. IV e o final do séc. VI d. C. Buscamos observar essas igrejas para além do seu sentido formal, compreendendo que os edifícios estudados são realizações concretas de uma nova cultura que se configura nessa época - o chamado Período Bizantino - inseridos em um contexto sócio, político, econômico e cultural onde idéias e valores antigos se contrapõem aos novos elementos que são adotados nesse momento de mudança. (Projeto vinculado ao Laboratório de estudos sobre a cidade antiga - LABECA - apoio FAPESP e MAE/USP)

Sexta-Feira 09/05 - 17h30-18h30 Sala 1
--

A Demonstração do Poder no Palácio de Assurbanipal em Nínive

Ricardo Silva Serres – graduando - ULBRA

As relações entre a Guerra e o Poder passam por narrativas carregadas de interpretações subjetivas de historiadores, filósofos e antropólogos. Em tempos de paz e em tempos de guerra, talvez não haja na historiografia uma relação tão forte da guerra com o poder, como na historiografia antiga. Na tentativa de construção epistemológica sobre estes saberes, este trabalho tem como objetivo estabelecer estas relações. Analisando as imagens de relevos neo-assírios de Assurbanipal em Nínive, bem como o

caráter propagandista de seus feitos, como forma de legitimação do seu poder e a tentativa de estabelecer a relação mítica dos resultados ao aprazimento dos deuses.

Carta de Aristeas a Filócrates: uma perspectiva sobre a relação entre a Cultura Judaica e a Helenística no Egito Antigo (300 a. C. a 70 d. C.).

Otávio Zalewski graduando – PUC/RS

O presente trabalho trata de uma análise das relações tensas e complexas entre as culturas Judaica e Helenística. A cultura Judaica em ampla efervescência e cada vez mais procurando espaço entre as outras comunidades, principalmente na grega. E a cultura grega procurando manter sua liderança no mundo antigo, sufocando e reprimindo todas as culturas que lhe fizessem sombra. Esta análise é feita a partir de um documento conhecido como Carta de Aristeas a Filócrates, um judeu alexandrino, Aristeas, envia uma carta a seu irmão Filócrates, contando de sua embaixada a Jerusalém, a mando de Ptolomeu II.

A formação da Etiópia. Uma perspectiva judaica e cristã, a partir do *Kebrá Nagast*

Stéphanie Monick Zumba de Lima - graduanda - UPE

Grupo de Ensino e Extensão Leitorado Antigo

Partindo de metodologias para a História da África, calcadas na obra ‘História geral da África’ de Joseph Ki-Zerbo. Propõe-se uma análise de uma das literaturas etíopes encontrada por volta de 1400 d. e. C. na Igreja de Santa Sophia em Constantinopla, o *Kebrá Nagast* (O livro da glória dos reis da Etiópia). Esta literatura explica o estabelecimento dos iemenitas do extremo sul da Península Arábica, no que hoje se pode chamar de Etiópia setentrional. Os quais eram descendentes do reino de Sabá cuja rainha namorou o rei Salomão e deixou um filho, Menelick, fundador da mais longa dinastia da história universal, que gerou as rédeas da Etiópia durante mais de três mil anos, apresenta-se nesta literatura a justificativa para estas grandes vitórias a partir da “presença de Deus” esta com representação no tabernáculo que havia sido levado por Menelick para seu país. Podendo-se expor a partir do *Kebrá Nagast*, uma análise da formação da Etiópia assim como também a presença e o difusão das religiões monoteístas no Norte africano, com atenção especial ao judaísmo e a difusão do cristianismo neste país africano. Esta pesquisa esta sendo desenvolvida no grupo de pesquisa Leitorado Antigo, vinculado a Universidade de Pernambuco.

Uma África antiga: o *Kebrá Nagast* e suas raízes bíblicas

Marcos José de Melo - graduando – UPE

Grupo de Ensino e Extensão Leitorado Antigo

Nosso trabalho, seguindo as tendências geradas pela Lei 10. 639, que determinou a inserção de História Africana nos currículos das Escolas e Universidades brasileiras, tem pesquisado o contexto religioso e cultural nos quais os Estados norte-africanos da Antigüidade, em especial a Etiópia, estavam inseridos. Temos procurado

entender a importância das influências recíprocas entre povos da região pan-mediterrânea, uma vez que foi a Etiópia ponto de cruzamento de várias civilizações antigas e de dispersão de suas culturas. Para tanto, temos estabelecido um diálogo entre fontes oriundas de tais civilizações, notadamente o Kebra Nagast do lado Africano e a Bíblia do lado cristão/judaico; estamos fazendo História a partir de literatura e contribuindo no resgate do importante papel histórico do continente africano na História Antiga. Ademais, nossa pesquisa tem um duplo alcance: além de trabalhar com a Antigüidade africana, mostrando assim que a História não gira nem girou eternamente em torno da Europa, estuda e divulga de maneira aprofundada as origens ancestrais de uma manifestação religiosa afro-americana atual – o rastafarismo e suas manifestações – , que tem raízes em organizações políticas e religiosas africanas pré-coloniais. Em nosso banner tencionamos apresentar e divulgar tal trabalho.

Escravidão e exército cívico na Grécia Clássica, Helenística e na Roma Republicana: uma comparação.

Gustavo Henrique Soares de Souza Sartin - Bacharel em História - UFSC

Um dos principais desdobramentos da existência de exércitos cívicos nas cidades-estado antigas era seu impacto sobre a escravidão. O exército cívico tendia a funcionar como um entrave social à exploração em larga escala da mão-de-obra escrava, uma vez que demandava que se viabilizasse a atividade econômica dos cidadãos não-ricos, de modo que os ricos, portanto, não podiam simplesmente adquirir quantos escravos desejassem, sob risco de reduzirem o contingente militar que os protegeria. Não deve haver qualquer dúvida a respeito da influência política das aristocracias sobre suas respectivas comunidades no período em questão. Mesmo os grandes líderes da democrática Atenas costumavam vir de famílias tradicionais. Não surpreende, então, que a busca de uma “solução” para o “problema” causado pela existência do exército cívico tenha muitas vezes adquirido feições de política de Estado. Estas, sim, diferentes nas cidades-estado da Grécia clássica, nos reinos helenísticos e na Roma republicana. As primeiras, de fato, foram adotando cada vez mais o uso de tropas mercenárias, especialmente depois da Guerra do Peloponeso. Os segundos levam a transformação que já vinha ocorrendo em toda a Grécia mais além e baseiam sua defesa totalmente em mercenários. Roma, por sua vez, faz uso de tropas auxiliares, fornecidas por comunidades tributárias, e de legionários fornecidos por “aliados”. Soluções diferentes tendem a gerar resultados diferentes. Ainda assim, no que diz respeito à escravidão, a redução da importância dos cidadãos na defesa de suas respectivas comunidades significou a possibilidade de uso praticamente sem limitações da mão-de-obra escrava, por parte das ricas famílias.

O papel da clemência senequiana na narrativa dos Anais de Públio Cornélio Tácito

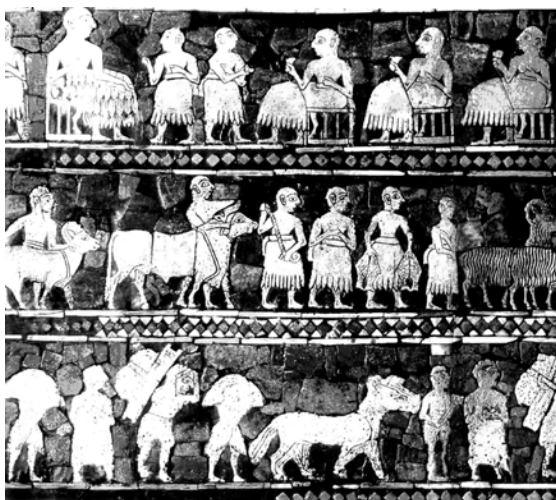
Prof. Dr. Fábio Faversani - UFOP
Ygor Klain Belchior graduando - UFOP

O objetivo dessa apresentação é demonstrar a noção de clemência senequiana dentro do recorte histórico do Principado de Nero, com a intenção de verificar se o *princeps* descrito por Tácito a pratica ou se afasta dela. Este trabalho pretende se embasar na historiografia sobre o Principado legado por Públio Cornélio Tácito dentro dos “*Anais*” e por Sêneca em seu livro “*De Clementia*”, com ênfase na discussão teórica da escola francesa de uma história dos conceitos políticos de Reinhart Koselleck.

A proximidade feminina e a imagem imperial: um estudo das relações de Nero com personagens femininas nos Anais, de Tácito.

Prof. Dr. Fábio Faversani - UFOP
Sarah Fernandes Lino de Azevedo – Bolsista de iniciação científica – CNPq-UFOP

Nesse projeto propõe-se dar continuidade ao estudo da construção da imagem do imperador romano Nero nos *Anais* do historiador latino Tácito, enfocando a relação entre a construção da imagem tanto de Nero quanto de seu governo com a aproximação de personagens femininas. Demonstrar se um governo era bom ou não a partir do caráter de seu governante era uma prática corrente entre os historiadores antigos. Sendo assim, em certa medida, Nero é avaliado positivamente ou negativamente por causa das pessoas com que se relaciona. Quando essa aproximação se dá com pessoas do sexo feminino que almejam ter parte nos assuntos relacionados à *Res publica*, por exemplo, teríamos um signo de mau governo. Assim, seria impossível concretizar um bom governo tendo atuação feminina em sua administração, pois era notório que as mulheres não poderiam participar de instituições políticas no mundo romano. Entretanto, através de interações sociais, informalmente, elas participaram. Isto era possível em especial por conta da proximidade estabelecida por algumas mulheres com os Imperadores. Os vínculos privados, quer fossem de parentesco quer fossem afetivos, podiam ser utilizados para o exercício do poder no interior da casa imperial. Este projeto visa estudar como a associação ou dissociação de personagens femininas a Nero é utilizada por Tácito para construir a imagem deste principado.



ATIVIDADES CULTURAIS

ATIVIDADES CULTURAIS

Segunda-Feira 05/05 e Quarta-Feira 07/05 14h-17h30 Auditório ICH

Mostra de Vídeo Comentado

Fellini - Satyricon

Direção Federico Fellini

Ano: 1969

duração: 123 min

País de origem: Itália/França

Comentários: Prof. Dr. Fábio Favarsani – UFOP

Crimes e Pecados

Direção: Woody Allen

Ano: 1989

duração: 107 min

País de Origem: Estados Unidos

Comentários: Prof. Dr. Anderson Zalewski Vargas – UFRGS

Terça-feira 06/05 – 18h – Auditório ICH

Exposição Babilônia no Louvre

Katia Maria Paim Pozzer - ULBRA

Visita virtual à excepcional exposição inaugurada no Museu do Louvre em 14 de março de 2008, onde estão reunidos, pela primeira vez, objetos vindos do mundo inteiro, numa exposição que deseja reconciliar a história e a lenda de Babilônia. O esplendor e as etapas de fundação da cidade antiga são evocados fazendo com que a Babilônia imaginária encontre sua origem na realidade histórica.

Terça-Feira 06/05 - 19h - Auditório ICH

Lançamentos de livros

Quinta-Feira 06/05 -19h30 - MARIAH'S Restaurante Rua três de Maio, 921 Centro

Banquete Mesopotâmico

Concepção e organização – Prof^ª. Kátia Maria Paim Pozzer

Na civilização mesopotâmica o banquete tinha múltiplas funções: comer e beber solene e coletivamente era um ato político, místico e sagrado. Realizar um banquete era uma grande demonstração de hospitalidade para com os convivas. E, para tanto, exigia-se organização antecipada e uma rígida etiqueta a ser respeitada. Recebia-

se o convidado com palavras amistosas e atos de afeto, como abraços e beijos, oferecia-se água para lavar as mãos, óleos perfumados e roupas limpas. Quando todos estivessem acomodados em cadeiras ao redor de pequenas mesas, iniciava-se o serviço. Os serviçais traziam bandejas com iguarias finamente preparadas, tudo regado à muita cerveja e vinho!

Ao final da refeição, antes da sobremesa, era realizado um brinde, que anunciava uma outra etapa, a do divertimento, com lutadores, saltimbancos, dançarinas e músicos, como relata este documento do período sumério (2. 000 a. C.) sobre o ritual de um banquete oferecido à deusa Ištar:

o conviva sentará e comerá; quando o conviva tiver terminado, o serviçal levará o prato; quando o serviçal tiver terminado, os lutadores se afrontarão; quando os lutadores tiverem terminado, os saltimbancos farão várias piruetas; quando eles tiverem terminado, a sujeira será limpa.

A partir de receitas mesopotâmicas do século XX a. C. especialmente traduzidas para a ocasião, iremos degustar as delícias da culinária mesopotâmica como forma de celebrar este VI Encontro Nacional do GT de História Antiga da ANPUH, na cidade de Pelotas, uma importante referência gastronômica do sul do Brasil.

Quarta-feira 07/05 20h - Teatro 7 de Abril - Praça Coronel Pedro Osório Centro

Apresentação do Grupo de Pesquisa em Teatro da ULBRA, com a peça:

“As 1001 noites”

Performance: work in process

AS 1001 NOITES

Pesquisa em 2007, em desenvolvimento, sobre o ramo sírio de As 1001 Noites, coletânea oriental antigo-medieval de narrativas, traduzida diretamente do árabe pelo Professor Mamede Jarouche da Universidade de São Paulo(USP).

Nosso estudo inclui a pesquisa sobre a musicalidade antiga oriental, a indumentária das várias etnias as quais o texto se refere, a discussão de gênero que atravessa a narrativa, e os costumes e as práticas sociais representados.

Através de exercícios de relaxamento, jogos dramáticos e oficinas de improvisação e montagem, o processo teórico vai complementando a prática cênica, e o conjunto dos pesquisadores envolvidos contribuem para a formação final da trama.

O texto de As 1001 Noites tem uma peculiaridade muito sofisticada e complexa para a encenação: contém o chamado prólogo-moldura, a famosa história de Sahrazad e do sultão, no qual se inaugura a meta-narratividade, estrutura que permite o desenrolar de histórias dentro da história principal.

Além disso, Sahrazad é a primeira mulher que assume o papel de narrador ao longo da literatura épica, e nos apresenta um rico quadro do imaginário persa, árabe,

indiano, sírio e egípcio, escrito em período islâmico, mas que guarda marcas dos momentos anteriores, como as referências à magia e seus resultados, e muitos episódios eróticos, retratando práticas ancestrais.

O participante do Núcleo, oriundo da comunidade e do meio universitário, recebe as referências e as condições para uma ação criativa e autônoma, no exercício da produção de arte em grupo, próprio do teatro.

O NÚCLEO DE PESQUISA. . .

Coordenação – Dra. Paulina Terra Nólivos

O Núcleo de Pesquisa em Teatro e História é uma atividade de extensão criada no curso de História e mantida pela diretoria de cultura da ULBRA.

Atuando desde 2002 sob a coordenação da Prof^ª. Dr^ª. Paulina Terra Nólivos, o Núcleo tem sido responsável pela divulgação de inúmeros textos clássicos das tradições oriental e ocidental. O repertório do Núcleo está fundamentado sobre o estudo da tragédia grega, base da arte dramática ocidental, e suas releituras. Tem desenvolvido estudos sobre Agamêmnon, de Ésquilo; Medeia de Eurípides; Édipo Tirano, de Sófocles; e no ano de 2006 foi encenada Tróia - Trilogia de Eurípedes - um trabalho que reúne três peças do dramaturgo grego sobre o mito de Tróia.

Em 2005, o resultado do Núcleo foi Gilgamesh - O Rei de Uruk, uma peça para crianças sobre o mais antigo texto épico da humanidade, escrito na Mesopotâmia, e que tem sido muito bem recebido em pequenas temporadas nos teatros porto-alegrenses. Além das pesquisas direcionadas a textos e autores, realizam-se periodicamente performances e esquetes sobre mitologia e história da alimentação em banquetes temáticos no Instituto de Arte e Humanismo StudioClio, em Porto alegre. Também a Feira do Livro de Porto alegre tem sido palco para a produção do Núcleo: desde 2004, com um Seminário sobre o teatro romântico alemão, no qual foram apresentadas leituras dramáticas de Empédocles, de Hölderlin e Pentésiléia, de Kleist; em 2005, homenageando o centenário de nascimento de Sartre, uma leitura dramática de O Diabo e o Bom Deus; até 2006, quando apresentamos Gilgamesh - O Rei de Uruk e Tróia - Trilogia de Eurípedes.

VALE A PENA SABER. . .

Teatro Sete de Abril de Abril

Mandado edificar por uma sociedade dramática particular (Sociedade Scênica), desejando que um maior número de famílias pudesse apreciar seus trabalhos e encontrassem uma agradável distração. Possui características da linguagem colonial. Prédio simples coberto por telhado com beiral, projeto do engenheiro alemão Eduardo Kretschman e execução de José Vieira Vianna, inaugurado no dia 02 de dezembro de 1833. Em âmbito nacional, seu nome pode ser interpretado como homenagem ao dia em que D. Pedro I abdicou do seu trono em favor de seu filho. Como homenagem local, a referência pode ser à data de instalação da vila.

Por algum tempo, durante a Revolução Farroupilha, o Teatro foi requisitado para uso dos militares de Bento Gonçalves (1844). O Sete de Abril recebeu três visitas Imperiais: em 1846, o Imperador e a Imperatriz foram aclamados e a corte ceou no salão do teatro durante o intervalo do primeiro e segundo atos, em 1865 o Imperador e a Princesa foram aplaudidos e, em 1885, o Conde D'Eu e a Princesa Isabel compareceram a vários espetáculos.

A antiga fachada do teatro contava com dois pavimentos, arrematada com platibanda vazada por óculos ovais. Salientava um corpo central através de colunas com capitéis toscanos. No térreo tinha três portas almofadadas com vergas em arco batido. No pavimento superior, correspondendo a estas aberturas, três portas-janelas com bandeiras retangulares abriam-se para um balcão com parapeito trabalhado em ferro. Havia dois corpos laterais que, no térreo, apresentavam janelas de guilhotinas e, no segundo andar, portas-janelas com sacadas individuais e guarda-corpos trabalhados em ferro.

As características atuais em linhas "art déco" são o resultado de uma total remodelação ocorrida no ano de 1916, o que determinou uma nova fachada, elaborada pelo arquiteto José Torrieri. As antigas portas-janelas do segundo pavimento foram transformadas em janelas com bandeiras em arcos plenos. As portas-janelas com bandeiras retangulares e sacadas de ferro deram lugar a outras, sem bandeiras e com balcões em balaustrada. As janelas de guilhotina do térreo foram substituídas por portas laterais. As novas pilastras, com fustes canelados, receberam estranhos arremates.

O corpo central foi coroado por frontão em arco abatido, decorado com elementos circulares nas suas laterais, de onde se originavam suportes de ferro para as luminárias. Com o nome da entidade, o frontão ainda apresenta três vitrôs, sendo o do centro nas cores da bandeira nacional, e os laterais com as cores do Rio Grande do Sul.

Coroando as aberturas, elementos ornamentais aludem à função do prédio (máscaras, liras e guirlandas de rosas, violas e um tarol). Na entrada, foi acrescentada marquise trabalhada em ferro, cujos ornamentos são peculiares à "Art Nouveau". Foi a primeira casa de espetáculos a abrir suas portas às artes cênicas na província de São Pedro do Rio Grande do Sul, a quarta no Brasil.

Segundo Mario Osório Magalhães, é "motivo de orgulho para os pelotenses saber que companhias líricas, dramáticas, cômicas, de operetas e de zarzuelas, chegadas a esta província pelo porto de Rio Grande, apresentavam-se aqui sempre em primeira mão, excursionando a Porto Alegre e, depois, ao interior, e que na volta, costumavam reapresentar-se no famoso Teatro Sete Abril, da cidade de Pelotas". Foi tombado pelo Patrimônio Histórico Nacional em 1972 e passou ao Município em 1978. Recebeu restauração em 1997, através de parceria Governo do Estado, Prefeitura e Arroz Extremo Sul. Em 1998, foi assinado um termo objetivando a restauração completa do Teatro.

Hoje, o Teatro Sete de Abril é o mais antigo teatro brasileiro em funcionamento.



PASSEIOS HISTÓRICOS

PASSEIOS HISTÓRICOS

Passeio Turístico 01

A FRONTEIRA

Trajetos: Pelotas – Jaguarão – Rio Branco/Uruguai - Pelotas

Data: 04/05/08

Saída: Hotel Manta às 08h00min

Roteiro:

10h00min - Visita à Casa de torrão

10h30min – Visita ao Museu Carlos Barbosa

11h15min – Visita ao Centro Histórico

13h00min – Almoço (no Uruguai)

14h30min – Compras em Rio Branco

17h30min - Visita às Ruínas da Enfermaria Militar

18h00min – Retorno a Pelotas

Valor do roteiro: R\$ 65,00 (Sem almoço)

Passeio Turístico 02

PATRIMÔNIO HISTÓRICO CULTURAL DE PELOTAS: CHARQUEADAS

Roteiro: Centro Histórico de Pelotas – Museu da Baronesa - Charqueada São João - Laranjal

Data: 07/05/08 (Quarta-Feira)

Saída: Hotel Manta às 08h30min

Roteiro:

08h45min – Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo

09h20min – Centro Histórico

11h00min – Museu da Baronesa

12h00min – Almoço, Visita Guiada à Charqueada São João e Passeio de barco pelo Arroio Pelotas

16h45min – Visita à Praia do Laranjal e Valverde

17h45min – Visita a uma doçaria pelotense

Valor do Roteiro: R\$ 50,00 (com almoço)

Passeio Turístico 03

A COLÔNIA DE PELOTAS

Data: 07/05/08 (Quarta - Feira)

Trajetos: Colônia Maciel - Colônia São Manoel – Colônia Municipal

Saída: Hotel Manta às 08h00min

Roteiro:

Colônia Maciel / Distrito Rincão da Cruz

09h00min – Visita ao Museu Etnográfico da Colônia Maciel e à Adegas do Sr. João Casarin

10h20min – Casa de Pedra e Vinhos João Bento

10h40min – Família Camelatto (produção artesanal de vinhos, licores e produtos coloniais)

Colônia São Manoel / Distrito Rincão da Cruz

11h10min Templo das Águas – Família

Gottinari Moinho da "Casa das Sete Mulheres"

Colônia Municipal / Distrito do Quilombo

12h15min – Almoço colonial e Visita ao Museu Gruppelli

Colônia Francesa / Distrito do Quilombo

14h30min - Fábrica de Doces Crochemore e Pomares de Pêssego

18h00min – Retorno a Pelotas

Valor do roteiro: R\$ 45,00 (com almoço)

INSTITUIÇÕES PARTICIPANTES

FURG	Fundação Universidade de Rio Grande
PUC/RS	Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
PUC/SP	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
UERJ	Universidade Estadual do Rio de Janeiro
UFB	Universidade Federal da Bahia
UFES	Universidade Federal do Espírito Santo
UFG	Universidade Federal de Goiás
UFOP	Universidade Federal de Ouro Preto
UFPR	Universidade Federal do Paraná
UFRN	Universidade Federal do Rio Grande do Norte
UFRB	Universidade Federal do Recôncavo Baiano
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
ULBRA	Universidade Luterana do Brasil
UMESP	Universidade Metodista de São Paulo
UNEB	Universidade do Estado da Bahia
UNESP	Universidade Estadual Paulista
UNICAMP	Universidade de Campinas
UNIMORON	Universidad de Moróm, Argentina
UPE	Universidade de Pernambuco
USP	Universidade de São Paulo
	Universidad Nacional de Mar del Plata, Argentina
	Universidade de Coimbra, Portugal

ÍNDICE ONOMÁSTICO

- Alessandra Serras Viegas – 30
Alexandre Santos de Moraes – 30
Alice Maria de Souza – 35
Aline Cristine de Oliveira Duarte – 46
Alinne Pereira da Costa – 42
Américo Henrique Marquez do Couto – 41
Ana Carolina de Carvalho Viotti – 14
Ana Paula de Andrade Lima de Jesus – 16
Ana Paula Franchi – 52
Ana Teresa Marques Gonçalves – 17
Anderson Dias de Araujo – 31
Anderson Zalewski Vargas – 52, 64
Bruna Campos Gonçalves – 14
Carlos Alberto Ávila Santos – 34
Carlos Augusto Ribeiro Machado – 14
Carlos César Borges Nunes de Souza – 47
Carlos Eduardo da Costa Campos – 21, 45
Carlos Guilherme Fagundes da Silva Magajewski – 46
Cássio Rodrigo Paula Silveira – 51
Caterine Henriques Mendes – 42
Cibele Elisa Viegas Aldrovandi – 56
Daniel da Silva Añaña – 45
Danielle do Carmo – 43
Deise Zandoná – 36
Diogo Pereira da Silva – 49
Dominique Vieira Coelho dos Santos – 43
Fábio Augusto Morales Soares – 40, 53
Fábio de Souza Lessa – 35
Fábio Duarte Joly – 18
Fábio Faversani – 18, 61, 64
Fábio Vergara Cerqueira – 19
Fabrício Dias Gusmão Di Mesquita – 41
Fabricio Nascimento de Moura – 20, 38
Felipe Nascimento de Araújo – 39
Francisco Marshall – 12
Gabriel Requia Gabbardo – 50
Gilvan Ventura da Silva – 15
Giovana da conceição Giongo – 23
Gregory da Silva Balthazar – 36
Guido Fernández Parmo – 32
Gustavo Henrique Soares de Souza Sartin – 60
Helton Gomes Chaves – 43
Henrique Modanez de Sant’Anna – 37
Iasmíny de Paula Berquó – 30
Ivan Vieira Neto – 41
Jamine de Almeida Geraldino Melo – 44
Imgart Grützmán – 49
José d’Encarnação – 11, 27
José Luiz Izidoro – 47
José Roberto de Paiva Gomes – 32
Juliana Bastos Marques – 22
Julio Gralha – 20
Jussemar Weiss Gonçalves – 23
Karine Lima da Costa – 17
Kátia Maria Paim Pozzer – 26, 64
Kenner Roger Cazotto Terra – 47
Kimon Speciale B. Ferreira – 37
Leandro Mendonça Barbosa – 33
Lílian de Angelo Laky – 56
Marcello Paniz Giacomoni – 50
Márcia Cristina Lacerda Ribeiro – 39
Marco Antonio Correa Collares – 51
Marcos José de Melo – 59
Margaret Marchiori Bakos – 16
Margarida Maria de Carvalho – 14
Maria Beatriz Borba Florenzano – 26, 57
María Cecilia Colombani – 31
Maria Cecília de Miranda Nogueira Coelho – 27
Maria Elisabeth Mesquita – 57
Maria Regina Candido – 12
Marina Regis Cavicchioli – 22
Maurício Fonseca da Paz – 49
Monica Selvatici – 19
Norberto Luiz Guarinello – 15
Norma Musco Mendes – 26
Otávio Zalewsky – 37, 59
Paulina Terra Nólíbos – 65, 66
Paulo Augusto de Souza Nogueira – 19
Paulo César Possamai – 40

Pedro Vieira da Silva Peixoto – 32
Philippe Racy Takla – 58
Poliane da Paixão Gonçalves Pinto – 33
Priscila da Silva Maia Bento – 39
Rafael da Costa Campos – 36
Rafael Vicente Kunst – 48
Rayane Helena Araújo Mendes de
Carvalho – 45
Regina Helena Rezende – 58
Renata Cerqueira Barbosa – 48
Ricardo Silva Serres – 58
Roberta Alexandrina da Silva – 22
Ronald Wilson Marques Rosa – 20, 38
Rosane Dias de Alencar – 51
Sarah Fernandes Lino de Azevedo – 61
Sérgio Ricardo Fracalanza Muzy – 34, 44
Stéphanie Monick Zumba de Lima – 59
Tatielly Fernandes Silva – 33
Tiago Guterres – 24
Wagner Mess – 24
Wanessa Batista Freire – 44
Ygor Klain Belchior – 61

REALIZAÇÃO

GT Nacional de
História Antiga
ANPUH



ICH
Instituto de Ciências Humanas
UFFPe

PATROCÍNIO

IMP
Instituto de
Memória e Patrimônio

APOIO

HISTÓRIA
viva

excelsior
ALIMENTOS

WANGUARD
Livraria

 *Pelotas
Convention
& Visitors Bureau*


SOCIEDADE BRASILEIRA DE
ESTUDOS CLÁSSICOS
Secretaria Regional Sul

 **SECRETARIA
MUNICIPAL DE
CULTURA**


Rádio Com
104.5 fm


LOCADORA




A POPULAR
Padaria e Confeitaria